FRESTAS POÉTICAS

DANÇA SEM FRONTEIRAS
12 ANOS

1ª edição
São Paulo
Lucias
2023

Apoio Produção Realização

Este projeto foi contemplado pela 31ª Edição do Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura

Idealização e textos
Fernanda Amaral

Edição de textos
Julia Dantas

Revisão de textos
Rodrigo Luiz P. Vianna

Textos
Ivam Cabral, Sarah Ferreira e Robson Lourenço

Fotos
Ricardo Teles, Fellipe Oliveira e Silvia Machado

Projeto Gráfico e diagramação
Estúdio Pavio (Lídia Ganhito e Beatriz Fiel)

Produção Geral
Jota Rafaelli (Movicena Produções)

Produção Executiva
Rafael Petri (Movicena Produções)

Editora/Selo
Adaap/Selo Lucias

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)

Conselho Administrativo
Maria Bonomi (Presidenta), Leandro Knopfholz (Vice-Presidente), Danilo Miranda, Eunice Prudente, Helena Ignez, Joaquim Gama, Patricia Pillar e Vicente de Freitas

Conselho Fiscal
Wagner Brunini (Presidente), Mauricio Ribeiro Lopes e Rachel Rocha

Conselheiro Benemérito
Lauro César Muniz

Direção Executiva
Ivam Cabral

Núcleo Fundador
Alberto Guzik (in memoriam), Cléo De Páris, Guilherme Bonfanti, Hugo Possolo, Ivam Cabral, José Carlos Serroni, Marici Salomão, Raul Barretto, Raul Teixeira e Rodolfo García Vázquez

Coordenação Editorial | Selo Lucias
Ivam Cabral, Elen Londero e Marcio Aquiles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Frestas Poéticas: Dança sem Fronteiras - 12 anos / Fernanda Amaral; Ivam Cabral; Sarah Ferreira e Robson Lourenço. – 1. ed. – São Paulo: Lucias/Adaap, 2023.

124 p.

ISBN: 978-65-84800-03-8

1. Dança 2. Videodança 3. Arte

CDU: 793

JAM para Todos, Ricardo Teles, 2011

Agradecemos a todos que tornaram esta jornada possível, àqueles que fazem ou fizeram parte da Companhia Dança sem Fronteiras, espetáculos, ações educacionais, projetos e caminhos, que com certeza estão e estarão sempre em nossos corações e memórias corporais.

Nosso agradecimento ao Edital de Fomento à Dança para cidade de São Paulo, ao ProAC (Programa de Ação Cultural da Secretária de Cultura e Economia Criativa do estado de São Paulo), por meio dos quais podemos realizar ações e dar continuidade à pesquisa da Companhia. Em especial, agradecemos ao 31ª Edição de do Programa de Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo, por meio do qual estamos realizando esta publicação.

Frestas do Olhar, Ricardo Teles, 2017

Sumário

Acessibilidade para abolir fronteiras
por IVAM CABRAL
11

Dança sem Fronteiras
por FERNANDA AMARAL
17

Videodançar sem fronteiras – cartografias poéticas na cidade
por SARAH FERREIRA
55

Videodança e a Dança sem Fronteiras
por FERNANDA AMARAL
63

O corpo e suas relações na geografia multidirecional da Companhia Dança sem Fronteiras
por ROBSON LOURENÇO
73

Encontro com a Dança
por FERNANDA AMARAL
81

Acessibilidade para abolir fronteiras

IVAM CABRAL

Doutor em pedagogia teatral pela ECA/USP, com mestrado em prática teatral pela mesma instituição; graduado em artes cênicas pela PUC/PR (1988), é ator, diretor, escritor, cineasta, psicanalista e cofundador, ao lado de Rodolfo García Vázquez, da Cia. de Teatro Os Satyros (1989), que tem em seu currículo mais de 140 peças encenadas. Como ator, participou do elenco de vários espetáculos, recebeu inúmeros prêmios e atuou em 37 países. Membro da Associação de Psicoterapia Psicanalítica (APP), colabora com o projeto Apoiar, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e faz atendimentos em consultório particular. Autor dos livros Entre o Nada e o Infinito (2022), Mississipi (2019), Terras de Cabral - Crônicas de Lá e Cá (2014), O Teatro de Ivam Cabral - Quatro Textos para um Teatro Veloz (2006), entre outros. Como dramaturgo, escreveu dezenas de textos, tendo sido traduzido para o espanhol, inglês, sueco e alemão. Recebeu os maiores prêmios do teatro brasileiro (Shell, APCA, Governador do Estado de São Paulo e Aplauso Brasil, entre outros). Atualmente, acumula, ainda, o cargo de diretor executivo da SP Escola de Teatro - Centro de Formação das Artes do Palco, instituição que, ao lado de outros artistas e coletivos, sonhou e idealizou.

Existe uma premissa essencial compartilhada pela coreógrafa Fernanda Amaral e a SP Escola de Teatro: a acessibilidade. Trata-se, em ambos os casos, de uma compreensão que envolve a ampla expansão de sua semântica, que não aborda somente a viabilidade de trânsitos corporais, sonoros e visuais, mas também a dinâmica das relações sociais e culturais.

Desde quando eu era estudante de teatro, muito antes de vislumbrar que enveredaria também para o campo da pedagogia, já reconhecia que a verdadeira cidadania depende estritamente de acesso à educação, a boas escolas e a bibliotecas, o que vai muito além de ser incluído passivamente por um terceiro em algo alheio. Em minha tese de doutorado e em diversos artigos acadêmicos nos últimos anos, tenho tentado demonstrar como a concepção de acessibilidade é mais potente do que a de inclusão social, haja vista que esta última é restrita e impositiva.

No sistema pedagógico da SP Escola de Teatro, criado por nós, da Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), os estudantes deparam-se com um modelo horizontal, não hierárquico e não cumulativo, com liberdade para começar seus estudos por qualquer um dos quatro módulos, estes caracterizados por cores em vez de números. A horizontalidade também é posta na gestão administrativa, com diversas coordenações que possuem bastante autonomia em seus campos de atuação.

O trabalho da Dança sem Fronteiras, criado em 2010 e desde então coordenado por Fernanda Amaral, partilha desse entendimento pleno da acessibilidade. Criar um projeto focado em pessoas com deficiências físicas ou intelectuais já seria admirável. A concepção gestada, contudo, extrapolou esses limites e concebeu um panorama em que a diversidade de corpos, experiências e subjetividades contempla uma multiplicidade de bailarinos tão grande quanto a de nossa própria sociedade. Essa linha de pesquisa é parte fundamental das práticas pedagógicas contemporâneas.

> O talento da dança é complexo e multidisciplinar, compreendendo habilidades físicas e técnicas, mas também características psicológicas e habilidades artísticas. É importante ressaltar que as fraquezas em uma área (por exemplo, técnica) podem ser compensadas por pontos fortes em outra área (por exemplo, potencial criativo) e, de fato, nenhum fator sozinho pode indicar talento ou prever o sucesso futuro (STEPHANIE; NIELSEN, 2017, p. 77).

Desse modo, não é a tipologia de agentes dançantes que interessa, mas sua potência e propósito. Participam da Dança sem Fronteiras mulheres, homens, pessoas trans, de várias etnias, idades, alturas, pesos, com ou sem algum tipo de deficiência. O próprio termo deficiência merece ser problematizado e eventualmente substituído, no futuro, por outro mais apropriado, se for o caso. No âmbito desse texto, entretanto, iremos utilizá-lo por questão de didatismo e pela atual jurisdição que o contempla[1].

O importante para o grupo Dança sem Fronteiras é compreender a dança como sendo feita por cidadãos com habilidades mistas. Além de promover a acessibilidade e a promoção da ideia de que todo o cidadão tem seu valor e é dotado de talentos diversos, essa política é inteligente ao reconhecer os ganhos que a arte – ou qualquer ação humana – tem ao incorporar a multiplicidade genética e fenotípica que é inerente à qualquer espécie.

Na atividade cultural, sobretudo, a homogeneidade de elencos ou técnicas circunscreve aptidões e restringe as possibilidades de ação. Por milênios, a arte explorou o que se julgava, de acordo com cada período histórico, "corpos perfeitos" na escultura e na pintura; métricas ortodoxas na literatura; elencos de teatro e dança com atuantes formosos, tudo gravitando o considerado belo. Se algo bastante positivo surgiu dos modernismos foi a dilatação polissêmica do que poderia, a partir de então, ser harmônico[2] esteticamente.

São práticas com as quais tenho me deparado desde 1989, quando fundamos a Cia. De Teatro Os Satyros. Ao convidar travestis, transexuais e jovens com poucas oportunidades – então aliciados pelo tráfico de drogas – para compor nossos elencos, não estávamos apenas criando acessos por filantropia. Ao contrário, estávamos sendo inteligentes, buscando outros tipos de destrezas e perfis que transcendessem elencos brancos, cisgênero e de classe média que então frequentavam – quase exclusivamente – os palcos e as plateias de todo o país.

Ao darmos início ao projeto da SP Escola de Teatro, em 2009, mantivemos esses princípios como norte. Pessoas trans, ex-traficantes e outros indivíduos que as mentalidades conservadoras classificavam como marginais foram contratados como funcionários, em postura ousada no combate ao preconceito e à gentrificação da praça Roosevelt, em São Paulo/SP. Assim, os cidadãos que habitavam esse território[3] – até então degradado, antes da revitalização urbanística capitaneada por nós e outros coletivos artísticos – não foram expulsos pelo aumento vertiginoso dos aluguéis quando a área passou a ser mais segura e frequentada por artistas e intelectuais de toda a cidade que vinham em busca de arte, entretenimento, lazer e boemia.

Essa visão de mundo em comum fez com que Fernanda Amaral e seu grupo participassem de inúmeras ações na SP Escola de Teatro até hoje.

---

1 Na letra da lei, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

2 Ou desarmônico, se este for o desejo.

3 Geográfico e simbólico.

Foram aulas, cursos ministrados, espetáculos encenados em nossa sede e ações socioeducativas que ocorrem praticamente desde o início de nossa história. Portanto, foi com muita naturalidade que a parceria entre a Adaap – por meio do selo Lucias – e a Dança sem Fronteiras se estabeleceu para a publicação deste livro. Como prega nosso sistema pedagógico, a partir de Milton Santos, buscamos criar territórios solidários capazes de nos conectar.

Como consequência, o apego pelo espaço público é mais uma de nossas similaridades. Entre várias produções da Companhia, podemos citar *Conexões* (2012), ação de *site specific* fruto de residência artística na SP Escola de Teatro com desmembramentos na Praça Roosevelt; *Em Cena* (2013/2015), espetáculo apresentado em vários parques da cidade de São Paulo (Luz, Água Branca, Carmo, Piqueri, entre outros); *Traços e Traçados Urbanos* (2017/2019), encenado em ruas, foyers de teatros e centros culturais.

Outra importante vertente de pesquisa do Dança sem Fronteiras é a videodança, com trabalhos como *Na Praça* (2016), *Além das Fronteiras do Olhar* (2017) e, posteriormente, diversos outros experimentos realizados durante a pandemia, ação imprescindível para se manter a produção cultural durante o período de distanciamento social. A pesquisadora Sarah Whatley aponta uma característica peculiar da videodança que pode ser notada nos expedientes criativos da Dança sem Fronteiras:

> (...) no caso da videodança com artistas com deficiências, o espectador não é absorvido e nem imerso (...) Em vez de ser levado para dentro do filme ou o filme tomar conta do espectador, o espectador 'encontra' o filme em um espaço complexo que permite um envolvimento somático, cinestésico, intercorpóreo, intersubjetivo e visceral compartilhado, que convida o espectador a se identificar com o(s) sujeito(s) humano(s) dançante(s) (WHATLEY, 2018, p. 43).

Somos uma comunidade global com dependência mútua, um imenso ecossistema em que barreiras artificiais somente trazem desvantagens para o bem-estar do meio ambiente e da civilização. Seja como cidadãos, pedagogos ou profissionais das artes, temos a obrigação de superar obstáculos oriundos de pré-julgamentos anacrônicos ou visões de mundo eugenistas e construir pontes sólidas, pois a prosperidade das futuras gerações depende disso, já está mais que demonstrado que a segregação apenas debilita o corpo social. As nossas diferenças (idiossincrasias físicas ou comportamentais que nos caracterizam como indivíduos) são tão importantes quanto as nossas semelhanças (características que nos tornam parecidos em alguns aspectos). Negar isso é abdicar da essência do humano.

Referências

Burridge, Stephanie; Nielsen, Charlotte Svendler (org). *Dance, Access and Inclusion Perspectives on Dance, Young People and Change*. Abingdon: Routledge, 2017.

Whatley, Sarah. The Spectacle of Difference: Dance and Disability on Screen. *The International Journal of Screendance*. Abril de 2018.

Dança sem Fronteiras

FERNANDA AMARAL

Bailarina, coreógrafa e educadora. Graduação em Educação na Universidade de Cardiff do País de Gales (2001). Possui vários títulos internacionais em dança e teatro, incluindo vários certificados em DanceAbility, recebeu os prêmios: Bonnie Bird 2009 pelo Centro Laban em Londres, Prince Claus Fund for Culture and Development (2013), Unlimited British Arts Council Micro Awards (2021), entre outros. Fundou as companhias de dança Patuá Dance (1993), Patuá DanceAbility (2005), ambas no País de Gales, e Dança sem Fronteiras (2010) no Brasil.

A Dança sem Fronteiras reivindica a cidade como o lugar de todas as danças desde sua criação, em 2010, no município de São Paulo, com produções artísticas que acolhem as habilidades e o potencial dos participantes. O trabalho com a dança é um território que representa, respeita e entende o sujeito com todas as suas singularidades. A Companhia investiga o gesto e os movimentos de cada um dos seus intérpretes, incorporando objetos de tecnologia assistiva – como muletas, bengalas e cadeiras de rodas – para criar uma poética que incentive a cultura corporal do movimento acessível.

A Companhia se encontra em vários entre-lugares; é comum, no dia a dia, os seus integrantes lidarem com situações oriundas da diversidade do elenco, dos seus movimentos e das necessidades específicas, relacionadas às variadas mídias utilizadas nas produções. Na circulação dos espetáculos e nas ações educacionais pautadas na compreensão e desmistificação das diferenças, a Dança sem Fronteiras responde a uma demanda crescente. A Dança sem Fronteiras mobiliza, ancorada em experiência e pesquisa, técnicas de improviso e aprendizado com o intuito de possibilitar a dança de todos os corpos.

Esta publicação celebra os doze anos da Companhia e faz parte do projeto *Frestas Poéticas — Cartografias do Corpo Diverso no Urbano*, contemplado em 2022 pela 31ª edição do Fomento à dança para a cidade de São Paulo. Este edital fomentou durante dez meses a pesquisa promovida pelo grupo e a criação de doze ações performáticas, oito videodanças, uma exposição, além da circulação do espetáculo *Ciranda de Retina e Cristalino*, e ações educacionais de oficina, JAMs de dança e residência coreográfica.

Frestas Poéticas

A natureza muitas vezes acha maneiras de resistir às situações e impedimentos proporcionados pelo desenvolvimento urbano, criando brechas para romper o concreto e seguir seu fluxo, mostrando uma grande resiliência. A pesquisa da Dança sem Fronteiras muitas vezes se identifica com isso em seus trabalhos artísticos e educacionais. A Companhia busca possibilitar espaços e dar visibilidade aos diversos corpos e suas expressividades.

Na Dança sem Fronteiras, nos interessa as relações entre o espaço do corpo e o espaço urbano. Pesquisamos as diversas singularidades das estruturas corporais de cada intérprete e seus movimentos em relação a si mesmos, ao outro e ao espaço. A Companhia trabalha com o princípio de que não há um corpo certo ou errado, mas sim o corpo único de cada pessoa. Investiga as diferentes formas com que podemos perceber o que está ao nosso redor, como podemos ver através dos diversos sentidos, como brincar com as percepções para abrir frestas nas noções de nós mesmos, do outro e das habilidades de cada um, tornando nossos sentidos e percepções mais eficientes.

Nosso trabalho com a diversidade dos corpos em inúmeras situações tem nos mostrado como somos vulneráveis, mas também como temos forças e capacidade que às vezes nem conhecemos, que nos fazem avançar e romper com os limites que nos são impostos pela sociedade. Não gostamos de usar o termo "inclusão", pois este termo é imperativo e pode levar à exclusão: quando pensamos em incluir já partimos da ideia de que alguém está de fora. Já a acessibilidade é condição para a transposição dos entraves e barreiras para a efetiva participação de todas as pessoas, em todos os âmbitos.

A Dança sem Fronteiras, através de processos de improvisação, técnicas somáticas de movimento, dança-teatro, DanceAbility e por meio de uma pesquisa continuada, cria espetáculos e ações educacionais. O corpo, suas sensações, o tempo, o espaço e suas relações são elementos essenciais no processo de improvisação e na criação das cartografias coreográficas dos corpos diversos no espaço urbano. Cada qual com seu tempo e maneiras de ver, andar e dançar.

Metodologia de Trabalho

A improvisação como método de criação e pesquisa – O corpo único de cada um como ponto de partida.

A palavra "improvisação", na dança, se tornou mais comum nos anos 1960 e 1970 e passou a ser usada na concepção de trabalhos com foco no movimento e nas produções coreográficas, em oposição a composições tecnicamente voltadas ao estilo. Para a dançarina Simone Forti, a improvisação é a investigação das conexões entre movimento, memória e natureza. Ruth Zaporah, em seus estudos sobre a improvisação, fala da importância de estruturas de improviso claras, que permitam aos intérpretes encontrar mais facilmente a liberdade criativa para seus movimentos.

Na Companhia, nos interessam as histórias do corpo de cada intérprete. O corpo está em constante transformação e estabelecendo relações com o mundo ao redor através das suas percepções e entendimentos sensoriais. O conhecimento parte do sentir, da observação e das sensações do corpo físico, como peso, ritmo de respiração, batimento cardíaco. Em nossos ensaios, algumas perguntas diárias são feitas, tais como:

- COMO ESTÁ MEU CORPO HOJE?
- COMO É O MEU CORPO NESTE MOMENTO?

- QUAL MINHA DANÇA E MOVIMENTOS HOJE?

A ideia é reconhecer o corpo real, não aquele que cada um idealiza ou gostaria de ter. Como cada um pode criar estruturas para descobrir as possibilidades do corpo com suas expressividades?

> "A improvisação como caminho para que a dança possa ser descoberta, para que ela apareça e também novas formas de mover disturbem meus padrões habituais. Trabalho com a improvisações até que as joias de movimentos únicos de cada intérprete apareçam para seguir daí coreografando." — Victoria Marks

O Encontro Comigo Mesmo ao Encontrar o Outro

Perceber as diferenças é fundamental. O encontro com o corpo do outro leva ao encontro com nosso próprio corpo. As diferenças trazem a libertação de sermos quem somos. Os corpos são únicos. A normatização não dá espaço às mutações e transformações diárias que fazem parte da vida do corpo.

> "Quando nada acontece, tem um grande milagre que não estamos vendo." — João Guimarães Rosa

Guimarães Rosa observou esta que é uma constante verdadeira em relação ao corpo que cresce, envelhece e se transforma diariamente, acumulando marcas, curvaturas, novos detalhes. Desse modo, nota-se a importância do tempo na prática da observação, para deixar o corpo se comunicar e mover como queira e precise.

A improvisação demanda dos intérpretes uma capacidade quase que instantânea para reconhecer uma enorme paleta de sensações e percepções, para que, assim, façam escolhas, dancem e improvisem. Nos ensaios e pesquisas da Companhia, as estruturas e propostas de improvisos são fundamentais no processo das criações coreográficas e no aparecimento do material a ser investigado.

Processo prático e reflexivo

A criação, assim como o corpo, não tem férias: está em constante transformação, é um processo contínuo de observação e escuta que se dá no dia a dia, ao percebermos o mundo e o nosso corpo. As técnicas de improviso nos levam a um estado de presença e escuta. A provisoriedade do corpo e sua percepção não são algo fixo, rígido: estão em constante transformação, assim como o mundo a sua volta. Vemos o corpo e sua provisoriedade como aliados. Não há um ideal que precisamos alcançar; já temos o corpo, ele já é nosso e é só nosso. Steve Paxton, uma das pessoas mais associadas ao desenvolvimento da improvisação no mundo e criador do Contato Improvisação nos anos 1970, aponta a improvisação como uma das formas mais eficazes de desconstruir estruturas dominantes de coreografias e assim democratizar o processo de criação na dança.

Na Companhia, começamos as aulas e os ensaios reservando um tempo para sentir, tocar e perceber o próprio corpo e o corpo do outro, a pele, o músculo e a ossatura. Acordamos, nos espreguiçamos, ocupamos o espaço com deslocamentos e pausas. Começamos movimentos sem idealizar nada, deixando o corpo pedir para se mover e abrindo nossa escuta para as vontades e desejos do corpo de hoje. Encontramos com o outro e seus movimentos em diálogos e improvisos corporais

> "Toda a improvisação vem de uma sólida fundação de treino. O combustível da improvisação está na prática diária." — Ann Albright

Processo de Criação

A prática diária com o corpo junto com o processo reflexivo, no qual observamos o que nos rodeia, o que nos antecede e está em nosso tempo, formam nossos encontros, que aliam pesquisa prática e estudos teóricos. Acreditamos que o estado em que você começa a trabalhar tem um efeito na qualidade do material que encontra, gera e cria. É preciso confiança e abertura para trabalhar com as diversas estruturas de improvisação. Não ter o material da dança já preestabelecido em passos e coreografias leva os intérpretes a um estado de consciência do corpo, da origem e do desenvolvimento dos movimentos, numa união entre mente e corpo.

A improvisação, conforme apontam alguns dos seus estudiosos, como Susan Leigh Foster e Victoria Marks, demanda um processo técnico rigoroso dos intérpretes, uma articulação entre o sabido e o desconhecido, sendo necessária uma busca do não sabido a partir da familiaridade que

o intérprete tenha com os princípios da composição. Improvisação não é parar a mente para o corpo falar, mas, sim, estabelecer uma nova compreensão entre estas relações.

> "Mente e corpo são inseparáveis. O corpo sabe sobre si mesmo através da mente e a mente sabe sobre si mesma através do corpo. O que é separada é a nossa atenção e, através da prática da improvisação, podemos expandir nossa consciência por todo o nosso ser. Às vezes, a mente está quieta e o corpo não, e às vezes o contrário." — Ruth Zaporah

A criação dos espetáculos da Dança sem Fronteiras se dá também através do processo investigativo de algum tema predeterminado. Este algumas vezes surge durante a pesquisa continuada ou durante a abordagem dramática criada em espetáculos anteriores. Na maioria das vezes, o roteiro do espetáculo vai surgindo durante o processo de criação e pesquisa. Quando, em alguns espetáculos ou videodanças, começamos com um roteiro, este não é algo engessado, mas um ponto de partida.

Utilizamos a metodologia da DanceAbility e técnicas de improvisação, mas não há uma receita pronta em nossas práticas de ensaios e ações educacionais. Por isso, a escuta é fundamental no processo de criação, que tem base na presença e prontidão do corpo. A visão, seja pelos olhos ou outros sentidos, também é um aspecto importante. Todos os artistas envolvidos nos processos de criação da Companhia necessitam também conversar com seus diversos sentidos e percepções, colocando em ação uma escuta aguçada.

Para Ann Albright, grupos diversos que partem de técnicas de improvisação trabalham para quebrar as distinções entre a visão clássica da dança e a dança do corpo diverso, e podem radicalmente ressignificar a forma como se vê e entende a dança.

> "Um grupo incluindo várias pessoas com deficiência é como um grupo das Nações Unidas dos sentidos. As instruções devem ser traduzidas especificamente e apropriadamente para aqueles em pernas ou em rodas, e devem ser traduzidas em sinais para os que não ouvem, serem demostradas para os que não veem poderem." — Steve Paxton

A Dança sem Fronteiras e a Pandemia

Trabalho Online – 2020/2021

Desde o primeiro momento em que foi declarado o isolamento social no estado de São Paulo em março de 2020, a Dança sem Fronteiras se propôs a continuar seu trabalho de modo remoto. A Companhia como um todo sentiu a necessidade de continuar atuando e se ajustando a este novo formato de acordo com suas individualidades. Apesar dos tempos difíceis, as atividades seguiram e foram se adaptando para responder às demandas e aos desafios do período.

A Dança sem Fronteiras se propôs e conseguiu dar continuidade a sua meta fundamental de "*Romper com o Isolamento*". Deslocou o enfoque do *isolamento* social para a ideia de *afastamento* social. Em 2020, a Companhia abriu seus aquecimentos semanais *online* para interessados participarem. Passou também a produzir regularmente videodanças, que estão disponíveis no seu canal do YouTube.

> "Isolamento e separação são os problemas a serem resolvidos, e a DanceAbility faz exatamente isso. A filosofia da DanceAbility é de que todas as pessoas podem dançar sem isolar ninguém, e as condições físicas ou cognitivas das pessoas não são um motivo para não poderem participar da dança. Toda e qualquer parte do corpo pode se expressar e dançar." — Alito Alessi

As atividades da Companhia, durante estes tempos remotos, conseguiram ir mais longe e atrair novos participantes de todo o Brasil e até de outros países. As pesquisas de linguagem e investigação metodológica proporcionaram experiências de proximidade através da dança, mesmo de modo virtual, criaram oportunidades para a participação de pessoas de distintas idades, habilidades e formação, que puderam seguir dançando e expandindo seus conhecimentos. O espetáculo *Olhares dos Sapatos* ganhou uma versão para o *online* com audiodescrição da Ver com Palavras, atraindo um público que o escutava atentamente e participava com entusiasmo das conversas após as sessões.

A Dança sem Fronteiras seguiu buscando parcerias e diversos meios para romper com as divisões, fossem estas criadas pela distância física ou pelo distanciamento mediado por telas. Pela primeira vez, participamos de apresentações em festivais internacionais e atraímos novas parcerias nacionais e internacionais, remotamente.

Durante os tempos de isolamento, houve a criação do espetáculo *Ciranda de Retina e Cristalino*, que estreou de forma *online* em 2020, e presencialmente

em 2021, no palco. No espetáculo, diversos personagens isolados em seus círculos, conectados por suas narrativas corporais, às vezes, se unem em uma só coreografia que os leva a uma grande ciranda da memória. O olhar, o ver, o não ver e o olho em si foram temas da pesquisa de concepção, assim como as vivências dos bailarinos e seus processos diários de mudanças e adaptações para encontros através de telas. A roda, o círculo, elemento poético no espetáculo, dá voltas, e "*foca e desfoca, provoca um novo olhar em uma só virada, do mundo que gira, e dá voltas lembrando da Ciranda sem fim*", como diz a letra da canção composta por Fernanda Amaral e Wagner Dias.

Durante a pandemia, a Dança sem Fronteiras ainda realizou o projeto *Conexões para Além das Fronteiras*, patrocinado pelo Unlimited e o British Council, apresentando e realizando JAMs de dança online e videodanças, estabelecendo uma nova parceria com o artista Chris Tally Evans, com baixa visão, natural do País de Gales. Os encontros semanais *online* de pesquisa eram realizados com conversas e trocas de experiências e práticas de improviso, com cada intérprete dançando em sua casa em São Paulo, e Chris tocando e cantando ao vivo das montanhas do País de Gales. Uma verdadeira vivência sem fronteiras.

Referências

ALBRIGH, Ann Cooper. *Choreographing Diference*. Middletown: Wesleyan University Press, 1997.

AMARAL, Fernanda. *Dança sem Fronteiras*. São Paulo: Lama SP, 2017.

FORTI, Simone. *Handbook in Motion*. New York: Universit Press, 1974.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.

DE SPAIN, Kent, *Landscap of the now – A topography movement improvisation*. New York: Oxford University Press, 2014.

Site: DanceAbilityInternational.com

Fresta Poética: Encontro, Luana Amaral, 2022

Exposição Dança sem Fronteiras 12 anos, Luana Amaral, 2022

espetáculos

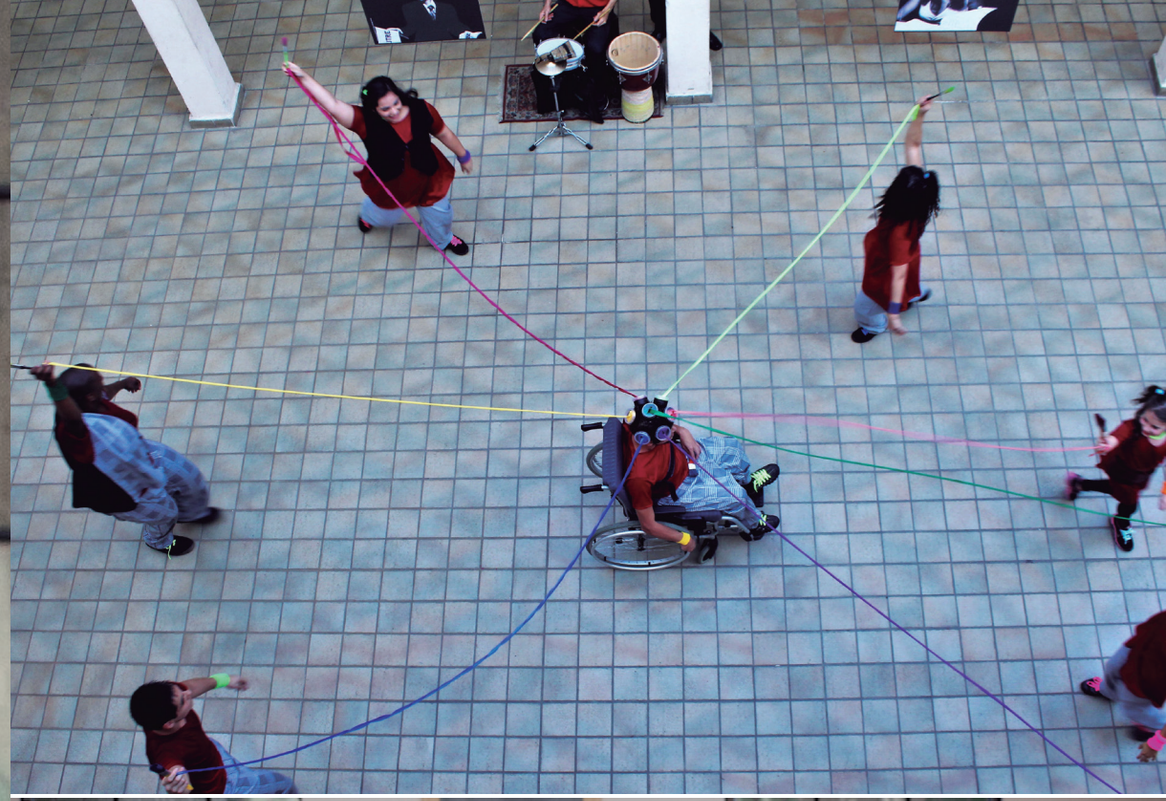
Ciranda de Retina e Cristalino

INFORMAÇÕES

ATRAPALHA
DA
INSISTENTE
MÃE

NEBLINA

Olhar de Neblina



Legendas das imagens
(da esquerda para a direita,
de cima para baixo)

Ciranda de Retina e Cristalino

Fotos por
Silvia Machado, 2020

Frestas Poéticas

Foto 1
Fresta Poética: Reflexo,
por Fellipe Oliveira, 2022

Foto 2
Fresta Poética: Corpo Tempo,
por Fellipe Oliveira, 2022

Foto 3
Fresta Poética: Reflexo,
por Fellipe Oliveira, 2022

Foto 4
Fresta Poética: Corpo Urbano,
por Fellipe Oliveira, 2022

Janela das RecordAções

Fotos por
Fellipe Oliveira, 2002

Olhares dos Sapatos

Fotos por
Silvia Machado, 2018

Conexões

Fotos
Conexões na Praça Franklin Rooselvet,
por Ricardo Teles, 2014

Frestas do Olhar

Fotos por
Silvia Machado, 2016

Na Mesma Cena

Fotos por
Ricardo Teles, 2013

Olhar de Neblina

Foto 1
Foto para publicidade,
por Ricardo Teles, 2013

Foto 2
Foto para projeção no espetáculo,
por Ricardo Teles, 2013

Foto 3
Foto para projeção no espetáculo,
por Ricardo Teles, 2013

Foto 4
Foto para publicidade,
por Ricardo Teles, 2013

Foto 5
Foto para publicidade,
por Ricardo Teles, 2013

Traços e Traçados Urbanos

Foto 1
Por Ricardo Teles, 2019

Foto 2
Por Fellipe Oliveira, 2018

Foto 3
Por Ricardo Teles, 2019

Ricardo Teles, 2016

Videodançar sem fronteiras – cartografias poéticas na cidade

SARAH FERREIRA

Performer, educadora e artista multimídia. Cursou Graduação e Mestrado em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA), da Universidade Federal Fluminense (UFF). Colaboradora da Rede Iberoamericana de Festivais Internacionais de Videodança (REDIV). Trabalha como curadora e criadora da plataforma VIDEODANÇA+.

A companhia Dança sem Fronteiras foi fundada em 2010 e reúne corpos com habilidades mistas, incluindo pessoas que têm baixa visão e pessoas que usam cadeiras de rodas, numa pesquisa e produção contemporânea de dança, apresentando espetáculos e promovendo atividades educacionais. Passou a desenvolver, a partir do ano de 2017, uma pesquisa específica de criação de videodanças que vem abrindo perspectivas sobre o fazer dança e videodança. A produção poética e política dos artistas opera na representatividade de existências e nos modos de perceber que necessitam ser cada vez mais valorizados, em um movimento a contrapelo do contexto neurotípico, patriarcal, capacitista, branco, machista e heteronormativo em que vivemos. A partir da minha experiência enquanto artista e curadora no campo da videodança, lanço o olhar para algumas reflexões sobre a prática de pesquisa e criação de videodanças que os artistas da Companhia Dança sem Fronteiras vêm realizando, principalmente a partir do contexto da quarentena da Covid-19 de 2020.

Pude perceber que, a partir do confinamento imposto pela pandemia, passamos a ficar mais habituados a produzir vídeos, por estarmos mais imersos nas redes sociais e conectados nas diversas plataformas por meio da internet. Houve uma expansão e aceleração da produção de videodanças, no Brasil e no mundo, como uma consequência da utilização dos diversos recursos, cada vez mais inseridos em nosso cotidiano, que gravam e editam nossas imagens. Graças, também, às plataformas de transmissão ao vivo e que possibilitaram encontros à distância, que conectaram diversos artistas, produtores e companhias de dança, abrindo novos espaços e formas de produzir, ensaiar, apresentar e ver dança.

Nestes dois últimos anos, a Companhia seguiu realizando seus estudos no campo da videodança, e, durante este percurso, tive a oportunidade de participar de algumas seleções curatoriais que receberam trabalhos da Dança sem Fronteiras, fazendo visível sua produção e posteriormente na participação em *lives* a convite de Fernanda Amaral, que alimentaram conversas e ampliaram meu olhar sobre as danças dos corpos diversos e a videodança. Estas conversas e experiências inspiraram e foram incluídas no eixo curatorial Corpos Diversos do canal Videodança +[1], um trabalho de curadoria *online* de videodanças que venho desenvolvendo em diversas plataformas e alcança maior organização principalmente no site de compartilhamento de vídeos mais popular do mundo, o Youtube. É uma rede de compartilhamento de informações sobre videodança na internet, que reúne curadorias de informações sobre obras, eventos, artistas e referências para pesquisas.

Os trabalhos da Companhia que assisti e venho acompanhando no canal do Youtube são diversos e criados em diferentes contextos – desde os do período da quarentena até aos mais recentes da série do projeto Frestas Poéticas, que realiza ocupações de dança na cidade, trabalhando com elementos como a improvisação, a dança-teatro, DanceAbility, o *site specific* e o jogo com o olhar da câmera. A série de oito videodanças desenvolvidas pela Dança sem Fronteiras no projeto *Frestas Poéticas, cartografias do corpo diverso no urbano*, se apresenta como uma resistência por meio da experiência corporal da cidade.

A Companhia criou durante o ano de 2022 as obras *Chegada, Tempo, Corpo, Corpo-Tempo, Olhar, Reflexos, Conexões* e uma versão em audiodescrição para *Chegada*. As videodanças contam com a direção de Fernanda Amaral, a concepção geral de Fernanda Amaral e Fellipe Oliveira, juntamente com os bailarinos Ana Mesquita, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave, Carmen Estevez, a música de Sérgio Zurawski, figurinos e adereços de Eliseu Weide, filmagem e edição de Fellipe Oliveira, além da participação de diversos parceiros e artistas convidados. A contribuição deste trabalho é imensa no sentido de ampliar para outros sentires e modos de fazer em videodança, na ocupação dos espaços da rua, na vivência e investigação dos corpos que atuam politicamente na cidade e sua topografia acidentada, que se desafiam a danças insistentes.

A videodança parece ser um modo de expressão que integra múltiplas destas questões, uma arte em devir, que se expande e adapta aos meios e mídias, mas que é em si mesma uma forma de investigação em arte que abre a prática a novos fazeres. De fato, há modos e fazeres específicos no campo da videodança que envolvem a confluência da prática de pesquisa de artistas de diversos campos artísticos. Lembro aqui do verbo "videodançar", que nos propõe a artista Ana Carolina Moura de Oliveira para o léxico da linguagem da videodança:

> [...] no intuito de nomear as ações específicas do fazer videodança que caminham rumo à confluência entre Videodança e as atividades integrantes da realização de obras desta linguagem (OLIVEIRA, 2009, pág. 31).

Na perspectiva de Oliveira (2009), este verbo pode ser entendido tanto como o resultado, no próprio vídeo, das parcerias e encontros entre artistas

1 É uma rede de plataformas criada em 2007, que abriga dois acervos (no Vimeo e YouTube) *online* de vídeos de dança que atualmente concentra em seu corpo eixos curatoriais distintos, organizados por meio de diferentes recortes: nome dos coreógrafos que exploram a relação entre vídeo e dança; por país; técnica de dança; técnica audiovisual; contexto social ou movimento de minorias; temas poéticos e estéticos que foram tomando forma e se tornando um arquivo com mais de três mil videodanças mantido através de uma comunidade *online*. As redes sociais Facebook, Twitter e Instagram conectam pessoas e atuam no compartilhamento de informações sobre eventos e publicações no *blog*. O *blog* inclui os eixos curatoriais e *links* com referências de textos, *sites* de artistas e centros de pesquisa. Todas estas plataformas se mantêm conectadas em movimento constante de atualização de informações disponíveis na internet sobre esta forma de arte. Disponível em: <https://linktr.ee/videodancamais>. Acesso em: 08 jan. 2023.

de diferentes áreas artísticas, como o conjunto de procedimentos e fazeres confluentes desses mesmos artistas problematizando questões em comum. Há, neste sentido, um saber corporal desenvolvido no trabalho dos artistas da Dança sem Fronteiras neste modo específico de criar dança para a tela, que dedica atenção para além do que acontece na relação com o ambiente, entre a cidade e seus corpos, também integrando neste jogo o olhar e a perspectiva da câmera. Sem deixar de lado como se dará a edição, o processo de videodançar da série se dá na parceria entre a diretora Fernanda Amaral e Fellipe Oliveira na filmagem e edição, que estabelecem diálogo em mais uma camada de experiência.

A obra *Chegada* começa com um percurso dos dançarinos que vêm se deslocando pela cidade, numa sensação tátil dos corpos com diferentes superfícies de concreto e ferro, cada um desde um espaço diferente até se encontrarem. Em outro momento vemos o percurso da câmera em um drone que sobrevoa o espaço onde o grupo dança, mostrando o quão pequenos somos diante da escala gigantesca da cidade vista de cima. Este trabalho conta com sua versão em audiodescrição, que é mais uma importante camada que complexifica o fazer videodançante do ponto de vista da especificidade da traduzir as imagens de dança para acesso das pessoas com deficiência visual.

Na videodança *Reflexos*, a edição é a proposta dramatúrgica que conduz o vídeo tanto na decisão sobre o registro, do que se filma, desde o enquadramento da câmera até a parte do corpo que será oferecida à câmera, como também na escolha de um elemento de edição que reflete e cria outras 'corpo-realidades'. O trabalho *Conexões*, que foi filmado na Fonte dos Desejos da Praça Ramos de Azevedo, evidencia, em uma disposição cênica, as parcerias da Companhia com outros artistas, entre eles bailarinos, músicos e artistas residentes que performam conjuntamente na cena estabelecendo uma zona "entre" as artes, numa zona sem fronteiras entre as artes.

Organizando os processos de criação em videodança por camadas da experiência, podemos dizer que a primeira é determinada pelo agir do corpo diverso na cidade, numa política do chão para citar aqui o que André Lepecki (2012) fala sobre os planos de composição da dança contemporânea. O chão da cidade é um chão acidentado, desigual, excludente. A Dança sem Fronteiras opera primeiramente na camada do chão da cidade, reivindica o espaço do urbano para uma ocupação de dança de corpos que muitas vezes não são visibilizados.

Para pensarmos sobre as relações entre corpo e cidade que envolvem o trabalho de pesquisa da Companhia na cartografia dos corpos diversos, vale lembrar aqui o que Paola Berenstein Jacques desenvolve sobre o conceito de corpografias urbanas, apontando que

> [...] é uma cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta (JACQUES, 2008, p. 01).

De acordo com Jacques (2008), a vivência corporal na cidade cria brechas e desvios à essa atual espetacularização da cidade que desmobiliza e reduz a participação das pessoas nos espaços, e dessa forma gera um empobrecimento da participação das pessoas nos espaços em suas práticas cotidianas, estéticas e mesmo artísticas. Desta maneira, as corpografias urbanas podem também reinventar a cidade que queremos pela improvisação e ocupação dos espaços, pois nesta coimplicação entre a cidade e nossos corpos, podemos informar aos urbanistas e projetistas um real habitar dos espaços, apresentando ideias diversas sobre o que pode vir a ser a cidade.

Um dos trabalhos em que tive a oportunidade de participar de um encontro remoto e conversar com os integrantes da Companhia sobre o processo criativo foi a videodança *Tempo*. Neste encontro, conversamos sobre a ação política dos corpos diversos no espaço da cidade e como refletir esse tempo atual, entender esse corpo na rua, especificamente na cidade de São Paulo. Assistindo a esse trabalho, minha recepção de espectadora traz a lembrança sobre os termos gregos para as distintas formas de tempo: *Aion* é o tempo eterno, que talvez somente a arte alcance; *Kairós* é a subjetividade e o tempo de vida de cada um e *Chronos* que é o tempo imposto pela batida do relógio, pelo dia e pela noite, pelos dias da semana e que é percebido no corpo do vídeo pela ordem, fluxo e ritmo que a cidade impõe aos corpos. Guiada pelo ritmo de um metrônomo, a espectadora escuta e tem uma sensação de coordenação de sentido entre as diferentes formas do tempo na sobreposição das imagens de cada intérprete, os tempos dos espaços da cidade e os tempos dos artistas na sala de ensaio. Esta coordenação de sentidos que é percebida pela espectadora é possível na forma artística da videodança pelos procedimentos da edição.

A edição coreográfica do(s) vídeo(s) é mais uma camada da experiência na produção nesta forma de arte, que faz da tela um novo palco onde se é possível montar com imagens discursos, histórias e memórias, ativando as sensibilidades do público. Outros materiais poéticos compõem esse fazer videodançante que arranjam a dramaturgia geral da série, entre eles figurinos e adereços, maquiagem, elementos como bengalas e muletas como objetos cênicos potentes. No trabalho *Olhar*, filmado nas dependências da Oficina Cultural Oswald de Andrade, a arquitetura é um elemento ressaltado no jogo entre os dançarinos e a posição da câmera. Em uma das cenas, vemos com a câmera frontal seis bailarinos em distintos andares na

parte interna do edifício e as linhas de proteção dos parapeitos são vistas como desenhos que organizam os corpos no espaço. Em outra cena, há um trabalho de transição entre as imagens na edição vídeo que funde os espaços dos corpos dançantes, criando uma atmosfera de coabitação dos dançarinos na mesma tela, criando assim uma arquitetura de fusão de corpos. A série de videodanças também pode ser considerada registro documental dos corpos e da cidade, principalmente neste momento em que estamos voltando aos espaços de convivência após o confinamento pandêmico, a retomada do chão do urbano pelos artistas se faz especialmente necessária.

Uma outra camada de experiência que é fundamental no fazer da videodança envolve o videodançar dos sentidos, que reverberam no corpo de quem assiste a obra. Na potência de se ter na tela um espaço de criação e de formulação de discursos, que trazem as questões confluentes experienciadas pelos artistas aos espaços de compartilhamento com o público.

Referências

BRUM, Leonel. *Videodança: uma arte do devir*. In: CALDAS, Paulo; BRUM, Leonel; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (org.). Dança em Foco - Ensaios Contemporâneos de Videodança. Editora Aeroplano, RJ. 2012. p.74-113.

FERREIRA, Sarah. *Ativismo Curatorial da Videodança*. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Teatro. Florianópolis, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias Urbanas*. Revista Arquitextos, ano 08, fev. 2008.

JACQUES, Paola Berenstein; PINTO, Fabiana Dultra. *Corpo e cidade coimplicações em processo*. Revista. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez. 2012.

LEPECKI, A. *Planos de composição*. In: GREINER, C.; SANTO, C. E; SOBRAL, S. (Org.). Cartografia: Rumos Itaú Cultural Dança 2009-2010. São Paulo: Rumos Itaú Cultural, 2012. p. 13-22.

OLIVEIRA, Ana Carolina Moura de. *Videodançar: um verbo possível. Uma proposta metodológica para o ensino da videodança*. Trabalho de conclusão de curso da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, 2009.

Site:

Videodança + https://linktr.ee/videodancamais

Videodança Recordções, Fellipe Oliveira, 2020

Videodança e a Dança sem Fronteiras

FERNANDA AMARAL

Interlocuções com a Cidade – 2021

A Dança sem Fronteiras, desde sua criação, em 2010, se comunica com várias linguagens artísticas. Os espetáculos se deslocam do palco para ruas, parques ou até mesmo telas, estabelecendo conversas diretas com a cidade e seus habitantes.

Desde *Olhar de Neblina* (2014), para o palco italiano, até seu mais recente espetáculo, *Ciranda de Retina e Cristalino* (2021), imagens são projetadas em cena por meio de vídeos ou fotos realizados especialmente para os espetáculos, de modo que sejam transmitidos e se misturem às interações do presencial. Na dramaturgia cênica, encontram-se diversos objetos de tecnologia assistiva[1], que criam desenhos no espaço juntamente com os corpos dos intérpretes e suas características únicas de movimentos para, em união com a iluminação, brincar com o olhar do espectador e provocar novas formas de ver.

A Companhia sempre teve integrantes com baixa visão, o que nos fez buscar inspiração em temas ligados ao enxergar ou ao ver, por vezes através de uma neblina, de frestas ou entre fronteiras. O olhar — e os meios utilizados para ver, perceber e observar o mundo — e as maneiras em que os sentidos aguçados muitas vezes se misturam de forma sinestésica têm sido um interesse constante na pesquisa da Companhia.

> "A Dança sem Fronteiras faz, das fronteiras, pontes entre o que é individual e singular e o que é social." — Teresa Athayde, em depoimento para o livro *Dança sem Fronteiras*, de 2017

Em suas pesquisas e produções artísticas, a Companhia vem conversando com a cidade de São Paulo, onde está sediada, sempre investigando e utilizando técnicas e princípios de improvisação, tanto nos trabalhos para a encenação ao vivo e online como na criação de videodanças. As colaborações e a pesquisa continuada são essenciais nos projetos e nas novas criações. Bailarinos, intérpretes, coreógrafa, cineasta, videomaker e editor precisam estar em equilíbrio e constante diálogo.

A Companhia já trabalhou com vários processos de captação e edição de imagens e videodanças, papéis realizados, em geral, por alguém do elenco, alguém das áreas do cinema, da videodança ou do documentário. As experiências têm mostrado que, quando quem capta e edita as videodanças tem familiaridade com a forma de criação e pesquisa da Dança sem Fronteiras, mais fácil se dá a sinergia entre a imagem e as propostas da Companhia.

1 Tecnologia assistiva é um termo utilizado para identificar todos os recursos e objetos que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com algum tipo de deficiência.

Memória das Água – 2017

As telas já apareciam na pesquisa da Dança sem Fronteiras mesmo antes da pandemia. Pensávamos as videodanças como o caminho para criar uma relação indireta mediada pela tela em vez de pela encenação, sem a interação olho no olho com o público no proscênio de um teatro ou na rua. Nestes tempos pandêmicos, a Companhia sentiu a necessidade de aprofundar as relações com as mídias, as câmeras e os olhares distantes, mas sem se afastar da sua missão com o estudo da improvisação. A rotina de encontros, ensaios, criação de danças e improvisos com pares e alunos se deu através das telas, e estas passaram a ter um papel fundamental na interação com o mundo e com o outro.

> "Quanto mais nos tornamos abertos às estruturas do improviso, mais nos tornamos abertos a nós mesmos, aos outros e ao mundo que nos rodeia. Esta conexão nos coloca no tempo real para acessar nossas histórias, memórias e não somente as memórias e histórias do outro." — Ruth Zaporah, *Landscape of the Now*

Os princípios básicos da improvisação seguiram norteando e alimentando todas as produções e colaborações da Dança sem Fronteiras. Ao improvisar, trabalhamos com:

- SENSAÇÃO, ESCUTA AO CORPO FÍSICO;
- RELAÇÃO, DIÁLOGOS COM O OUTRO E A COMUNIDADE;
- TEMPO, MOVIMENTO E PAUSA;
- COMPOSIÇÃO, DESENHOS NO ESPAÇO.

Como propõe o coreógrafo e improvisador Kent De Spain, os intérpretes lidam com quatro mundos ao improvisar em diálogo constante entre o eu, o outro e o ambiente:

- INTERNO, SENSAÇÕES PRÓPRIAS;
- EXTERNO, CINCO SENTIDOS;
- MEMÓRIA, IMAGENS;
- INTENCIONALIDADE, ESCOLHAS DE FORMAS ARTÍSTICAS.

As cenas dos espetáculos, criadas a partir de técnicas de improvisação, são construídas como quadros, com desenhos espaciais precisos e atenção aos detalhes. Os diversos corpos, com suas formas e expressividades,

criam movimentações singulares, que imprimem suas características nas apresentações e videodanças. Durante a criação do material cênico, todos são convidados a olhar para o grupo como se estivessem vendo através da lente de uma câmera. As gravações dos ensaios ajudam a pensar como levar o olhar do espectador para um detalhe ou um instante único. Não raro, usamos como referências obras nas quais, magistralmente, pintores atraem o olhar para elementos específicos, utilizando luz e contrastes.

Desde cedo, me encantei pelo cinema. Passava horas nos cinemas e museus, entre um ensaio e outro, pensando nas imagens e nas suas forças narrativas, nas possibilidades de criação de impressões, sentidos e interpretações. Nos anos 1990, ao acompanhar por alguns meses a Companhia de Pina Bausch em turnê e assistir aos ensaios, pude testemunhar seu olhar de coreógrafa atento aos detalhes das improvisações, transpostas depois em criações detalhadas, com cenas e movimentos quase que cinematográficos. O olhar dela estava em cada detalhe, do individual à obra.

"Dançar é rimar com o corpo." — Pina Bausch

Pina Bausch buscava extrair o melhor de cada bailarino, e muitas vezes mostrava que sua fragilidade também poderia ser sua força.

A sintonia entre coreógrafa, câmera e editor são essenciais no processo de criação da videodança para obter um fluxo de imagens em movimento com diferentes dinâmicas, possibilitando elos e diálogos com o espectador. A dança está relacionada ao instante tanto quanto a câmera, e ambas devem estar interligadas à edição que, por sua vez, também terá de dançar. O pulso mantém o corpo e a videodança vivos. A seleção de imagens e a escolha das formas de edição têm que encontrar sua respiração e pulsação próprias para que possam manter o ritmo e levar o olhar para os diversos detalhes.

Relacionamos estes aspectos de ritmo aos aquecimentos que fazemos na Dança sem Fronteiras, nos quais praticamos a escuta ao corpo e a observação à respiração, prestando atenção ao pulsar. O movimento de expansão e contração dos pulmões realiza uma massagem no coração que, por sua vez, bombeia sangue e oxigênio para todas as partes do corpo. Assim como os bailarinos e intérpretes precisam confiar nas estruturas da improvisação a fim de localizar o material para a dança, o editor também precisará confiar que as imagens têm a força para dar o norte e guiar a edição.

"Eu aprendi que a dança não é nunca somente sobre a dança e tampouco é neutra e, sim, sempre rica com muitos significados possíveis." — Victoria Marks

Em janeiro de 2020, a Dança sem Fronteiras começou o projeto Poéticas da Diversidade, fomentado pela 27ª edição do Fomento à Dança para a Cidade de São Paulo. Um mês depois, as atividades presenciais tiveram de ser todas adaptadas para o *online*. A Companhia tomou o tempo necessário para criar com regularidade pequenas videodanças e seguir sua pesquisa sobre dança e diversidade na tela.

Os integrantes do grupo sentiram a necessidade de estudar e entender o processo de captação de imagem e suas relações com a luz, o que foi possível com a participação de Fellipe Oliveira, fotógrafo e iluminador. Todos pesquisaram e criaram "pequenas danças" e videodanças e sentiram que estas produções fortaleceram o olhar para criação de coreografias, narrativas e movimentações para as telas com corpos diversos. Com isso, foi possibilitada uma produção de conteúdo com os mesmos objetivos e conceitos essenciais utilizados no trabalho de sempre da Companhia. Alguns destes vídeos estão disponíveis no canal do YouTube Pesquisa videodança +, e no canal da Dança sem Fronteiras, nas playlists Videodanças na quarentena e Pequenas danças na quarentena.

Em 2017, como parte do projeto Interlocuções com a Cidade, fomentado pela 23ª edição do Fomento à Dança, a Companhia produziu uma pequena videodança a partir de treze horas de filmagens, com a intenção de editar uma mais longa quando fosse possível. As filmagens foram realizadas com a direção de câmeras e vídeo de Osmar Zampieri, que também atuou na operação de câmeras ao lado de Daniel Lins, Arnold Pasquier e Ricardo Yamamoto. O filme privilegia a narrativa visual, o olhar alcançado por quatro câmeras diferentes, em locações no Viaduto Santa Ifigênia e no prédio Mirante do Vale. Em *Ver Além dos Olhos*, a ideia é aproximar o espectador de corpos variados, com formas não convencionais, todos tomados pelo movimento e pela dança em meio à diversidade da grande metrópole de São Paulo. A videodança tenta mostrar também imagens da cidade e dos transeuntes, tão ocupados que mal percebem os corpos dos bailarinos espalhados pelo viaduto ou as bailarinas saltando no meio da multidão. Essas cenas se mesclam com as imagens captadas no heliporto do 43º andar do prédio, com vista para o mar de arranha-céus da diversa São Paulo, onde bailarinos dançaram, giraram e saltaram com vestidos esvoaçantes e muletas. A integração com o edifício, a rua e o viaduto em seu espaço configurou essa criação como uma obra de arte *site specific*.

Ver Além dos Olhos – 2017

Para Douglas Rosenberg, a videodança é uma prática de *site specific*[2] na qual o site/lugar é o vídeo em si. Ele aponta que o vídeo é o espaço para explorar a dança como sujeito, objeto e metáfora, um lugar de encontro para ideias sobre tempo, espaço e movimento. A videodança é a junção da dança com a câmera e com o processo de edição, não havendo assim mais a dança como um ponto de foco do espectador, ao contrário do que ocorre em obras no teatro ou na rua. Agora o espectador é apresentado a diferentes pontos de vista e perspectivas. A câmera tem o potencial de ver a dança em 360º a qualquer momento. Neste caso, os pontos de vista não são somente físicos, mas metafóricos, aspecto que conversa muito com as propostas da Dança sem Fronteiras.

Nas videodanças da Companhia, a captação e a edição são partes integrantes da criação: não se trata de documentar uma apresentação ao vivo e tampouco esta poderá ser repetida, pois só acontece naquele momento. Também não se trata de um registro de uma coreografia específica, pois a dança se dá tanto nos movimentos dos bailarinos como no entorno da cena. Como disse antes, quem está atrás da câmera precisa também estar aberto ao momento e à arte do improviso. É preciso que todos entendam que não haverá uma coreografia exata a ser retratada com rigor, mas, sim, uma poesia em imagens e movimentos que pode estar em qualquer parte do corpo dos bailarinos – como em um detalhe, em um só membro, ou ainda na cidade e nas nuances do ambiente à volta. O editor tem toda a liberdade para também ser um coreógrafo, ele não cria as imagens, mas as edita e escolhe, para assim trazer o ritmo da videodança. Sua edição conversa com o roteiro e a poética proposta pela coreógrafa e o elenco. A coreógrafa, o câmera e o editor dão forma às trajetórias de movimento através de imagens, *closes*, detalhes que escolhem para captar e brincar com o olhar. Todos trabalham com os mesmos aspectos das técnicas de improvisação utilizadas pela Companhia: tempo, dinâmicas, relações e composições, criando assim os significados e as sensações da videodança.

> "O deslimite presente no nome do grupo — sem fronteiras — aponta para um constante alargamento do realizado por sua coreógrafa. Aponta para um 'vir a ser', no qual se desenhem futuros para a arte." — Cássia Navas, no livro *Dança sem fronteiras*, 2017

A Dança sem Fronteiras, desde sua criação, tem como meta romper com os limites de quem e do que se pode dançar, do corpo exato e de conceitos como habilidade e "desabilidade". A representatividade do diverso do humano é essencial. Em seus trabalhos, é muito importante encontrar maneiras de como a acessibilidade pode estar presente na dança, nas criações e na fruição das obras. A Companhia colabora com a Ver com Palavras – audiodescrição desde seu primeiro espetáculo, ajudando na escrita dos roteiros e buscando uma narrativa onde a voz e a narração dancem também com os bailarinos. Nestes tempos pandêmicos em que os espetáculos de dança passaram dos teatros para as telas, a audiodescrição do Ver com Palavras vem provocando diferentes emoções, imprimindo uma narrativa melódica e poética que muitas vezes conduz a percepção do espectador a detalhes que talvez passariam despercebidos de outra forma.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) também faz parte da pesquisa da Companhia, que às vezes incorpora gestos e sinais nas coreografias. Na videodança *Interlocuções com a Cidade*, realizado em parceria com Fellipe Oliveira, o intérprete de Libras está na cena e fora da limitação da pequena janela comumente utilizada no canto da tela. Esta videodança também apresenta a audiodescrição da Ver com Palavras.

> "A videodança é uma arte que potencializa o corpo, a parte, a dança de todos, todas as danças." — Sarah Ferreira, *Live Videodança em casa*, 2019

2 O termo *site specific* faz menção a obras criadas de acordo com o ambiente e o espaço determinados.

Interlocuções com a Cidade, Fellipe Oliveira, 2020

Referências

ALBRIGHT, Ann Cooper; Gere, David (org.). *Taken by Surprise*, A Dance Improvisation Reader. Middletown: Wesleyan University Press, 2003.

ALBRIGH, Ann Cooper. *Choreographing Diference*. Middletown: Wesleyan University Press, 1997.

AMARAL, Fernanda. *Dança sem Fronteiras*. São Paulo: Lama SP, 2017.

CALDAS, Paulo; Bonito, Eduardo; Levy, Regina. (org.). *Dança em Foco: Entre imagem e movimento*. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2008.

HUNTER, Victoria (org.). *Moving Sites, Investigating Site-Specific, Dance performance*. Nova York: Routledge Nova York, 2015.

DE SPAIN, Kent (org.). *Landscape of now, A Topography of Movement Improvisation*. Nova York: Oxford University Pres, 2014.

Filmes e videodanças

Pina. Direção: Wim Wenders. Produção: Wim Wenders; Gian-Piero Ringel. Local: Alemanha, 2011.

Além das Fronteiras do Olhar. Direção: Osmar Zampieri. Produção: Dança sem Fronteiras, 2018.

Interlocuções com a Cidade. Produção: Dança sem Fronteiras, 2021.

Narrativas corporais, RecordAções. Produção: Entre fronteiras da diversidade, 2020.

Site:

YouTube – Dança sem fronteiras

RecordAções – 2020

O corpo e suas relações na geografia multidirecional da Companhia Dança sem Fronteiras

ROBSON LOURENÇO

Robson Lourenço (1969): Artista, pesquisador e educador. Atuou como bailarino do Balé da Cidade de São Paulo entre 1993 e 2008. É Doutor em Artes da Cena pela UNICAMP e realizou pesquisa pós-doutoral na ECA-USP entre 2020 e 2022. Atua como preparador corporal, dramaturgo, gestor e professor-convidado em centros de estudos de dança, pós-graduações, Secretarias de Cultura e companhias/grupos por todo o país. Trabalha na linha tênue entre passado-presente e percepção-ação, ao investigar artistas da dança que integram os conhecimentos anátomo-cinesiológicos às suas aulas e investigações artísticas. Também elabora procedimentos e orienta pesquisas para as áreas de artes performáticas, saúde-integrativa e arte-educação.

Dirigida por Fernanda Amaral, as atividades da Companhia Dança sem Fronteiras foram iniciadas em 2010 na cidade de São Paulo. Desde então, o núcleo artístico tem desenvolvido seu trabalho ininterruptamente, com financiamento das Leis de Fomento do Município e do Programa de Ação Cultural do Estado.

Ao longo destes anos, os valores pagos pelos impostos retornaram à sociedade os investimentos feitos com dinheiro público dos cidadãos, proporcionando a continuidade e o aprofundamento dos conhecimentos artísticos, culturais e educacionais que núcleos e companhias desenvolvem em suas pesquisas e criações, como os que foram realizados pelo Dança sem Fronteiras nos últimos anos.

Gostaria de abordar neste texto como o investimento público e continuado pode apresentar à população de São Paulo o trabalho refinado que a Companhia faz na preparação corporal por JAMs e encontros que desenvolve desde o início de sua trajetória. Seja em espaços públicos ou em parcerias com instituições, o que delineia nestas proposições é um refinado conjunto de procedimentos, ao materializar em processos educacionais a pesquisa corporal da Companhia, através de uma sequência clara e rica em detalhes. E o faz proporcionando, ao público em geral, à classe artística e aos estudantes de artes cênicas, o retorno de um conjunto de experiências decantadas finamente e mediadas pelo grupo dentro de seus doze anos de existência. Este é um dos resultados que programas sérios de fomento às artes podem proporcionar à sociedade.

Todos aqueles que entram em contato com os encontros e JAMs da Dança sem Fronteiras não têm apenas um breve contato com o que seja eventualmente o diferente, mas se relacionam com os processos educacionais desenvolvidos pelo núcleo. Nutrem-se de frutos maduros e saborosos de procedimentos, que a Companhia apresenta após um árduo período de arar, regar, maturar e colher, em seu trabalho de pesquisa dentro das salas de ensaio ao longo dos anos.

As criações artísticas no Dança sem Fronteiras têm um sério e profundo trabalho de preparação corporal. Deste modo, gostaria de apresentar neste texto uma reflexão-relato a partir da experiência com os estudantes do Curso de Dança da Anhembi Morumbi[1], dentro do Teatro Experimental da Universidade, que ocorreu no dia 6 de abril de 2022. O aula-encontro foi uma das ações do grupo, dentro do Programa de Fomento à Dança da Cidade de São Paulo ao longo do ano de 2022.

1 As parcerias entre a Dança sem Fronteiras e o Curso de Dança da Universidade Anhembi Morumbi ocorrem desde 2016, com JAMs, apresentações artísticas, participação de alunos em vídeo-dança e espetáculos. Além disso, a Companhia tem recebido estagiários do Curso de Dança desde 2017 e o núcleo artístico foi companhia-residente na Universidade entre 2017 e 2018.

Naquele encontro, os participantes foram convidados a se sentarem em roda e encaminhados a se apresentarem com seus nomes e suas experiências em dança. Ainda dentro da roda inicial, os presentes foram orientados a falarem quais seriam as questões corporais individuais que seriam relevantes para aquele conjunto de pessoas para a preparação de corpo daquele dia. Surgiram apontamentos como dores na região da coluna lombar ou uma lesão no pé no dia anterior, que foram entremeados com fala sobre as características de ossos de vidro[2] de um dos integrantes da Companhia. As dores em uma parte da cervical de uma outra aluna eram ouvidas com atenção, do mesmo modo que a ausência de visão de outra artista do Dança sem Fronteiras, com o relato de sua percepção dilatada do corpo, através da propriocepção e audição.

Este primeiro momento de apresentação oral trouxe ao encontro a pluralidade de experiências sem hierarquização, tão característica nas performances dos integrantes da Companhia. Além disso, tal roda inicial abriu a possibilidade de percepção daquele grupo para qual seria o estado de atenção para as proposições corporais, a serem desenvolvidas durante aquele dia.

Naquele momento, a palavra "fronteira" (que, não à toa, cunha o nome de batismo da Companhia) pôde ser dilatada através do pensamento de Renato Ferracini (2010), quando o artista reflete que:

> A fronteira não pré-existe, pois ela sempre é criada e recriada. Por isso a fronteira não é somente mapa-espacial, mas abarca também as tensões nas relações, criações, pensamentos, experiências e se configura como e na arte, como e na ciência, como e no espaço de potência de todas as áreas, tempos e espaços. (FERRACINI, 2010, pág. 3).

O pensamento de Ferracini de que fronteira não é apenas localização geográfica entre países e regiões é aprofundado ao estabelecer que fronteira é um espaço de relações, de criações, de pensamentos e de experiências. No entanto, gostaria de aprofundar ainda mais na relação que Renato Ferracini faz entre o termo fronteira e experiências a partir de duas frases, que são "como" e "na" arte; "como" e "na" ciência. Partindo do pensamento do autor, reflito que a ação artística da Dança sem Fronteiras de dá "como" e "no" corpo.

Naquele encontro em abril de 2022 dentro da Universidade Anhembi Morumbi, após a roda inicial, os participantes foram convidados por

2 Popularmente conhecida como ossos de vidro e cientificamente chamada de osteogênese imperfeita, tal fragilidade dos ossos é uma patologia genética e proveniente de mutações que ocorrem nos genes responsáveis pela síntese ou processamento do colágeno, que é essencial na formação dos ossos (SANTOS, 2022).

Fernanda Amaral a andarem pelo espaço teatral onde estavam. Após esta primeira caminhada de reconhecimento, foi solicitado aos presentes que se deitassem em um local, onde se percebessem confortáveis.

Posteriormente, foram convidados a fecharem os olhos e Fernanda Amaral iniciou uma instrução oral, instigando os presentes a perceberem o corpo em contato com o chão de madeira do teatro, quando ressaltou a percepção das diferenças de tensões do corpo no contato com o solo.

Com a voz sutil e direcionando a atenção dos presentes para seus ossos e músculos, vagarosamente Fernanda Amaral solicitou que escolhessem apenas uma parte do corpo em contato com o chão e que percebessem como refletiam as mudanças de apoios, as sensações e as sutilezas destas alterações. Logo após, solicitou que escolhessem outras duas partes do corpo e que explorassem com a mesma parcimônia.

Este viés de reconhecimento do corpo através da percepção da gravidade traz à construção da preparação corporal desenvolvida ao longo dos anos pela Companhia uma camada, cujo viés parte da investigação dos movimentos pelo corpo de cada indivíduo, buscando a sua autonomia dentro de cada aula, cada encontro, cada JAM, cada ensaio. Os estudos da Companhia permeiam e integram as ações e percepções dos sujeitos, com a improvisação em tempo real, partindo das relações do corpo com a gravidade, alcançando as nuances do momento presente. Ou, como pondera o artista Steve Paxton:

> Em todo caso, a dança prosseguirá baseada em sensações, memórias, contagens, relações tanto com o espaço quanto com os outros dançarinos, percepções, humores e o marcar do tempo de uma sequência de sensações musculoesqueléticas que requerem negociações com a gravidade (PAXTON, 2022, pág. 226).

Partindo das sensações musculoesqueléticas que solicitam a cada instante uma negociação no estado presente com a gravidade, a Dança sem Fronteiras dilata o conhecimento brasileiro de percepção corporal desenvolvido por Klauss e Angel Vianna, além daqueles posteriormente encaminhados por seu filho, Rainer Vianna. O contato com tal conhecimento foi desenvolvido por Fernanda Amaral como assistente de Rainer no final da década de 1980.

No entanto, no encontro na Universidade Anhembi Morumbi em abril de 2022, outros conhecimentos também foram acionados e podem ser encontrados nos procedimentos apresentados naquele momento dentro daquele espaço teatral.

Após a investigação individual de movimentos, Fernanda Amaral iniciou a condução em duplas, propondo alternância de níveis e o contato do corpo com o outro. Ali, naquele momento, percebia-se a atenção levantada pela roda inicial, pois o toque e o uso do peso eram utilizados pelos participantes de acordo com a fala de cada um dos presentes no começo da aula. Os estímulos de cada um dos estudantes, em contato com os profissionais da Companhia, traziam novas investigações, que propulsionavam o contato com suas fronteiras artísticas individuais, realçando os seus sotaques de movimento, suas características corporais e as buscas de integração corporal, respeitando as diferenças e suas autonomias.

Trago à tona a metáfora da fronteira percebida e relatada naquele encontro na Universidade e como criou uma paisagem de intensidades, termo designado por Annie Suquet, que relaciona a percepção interna dos bailarinos contemporâneos a seus estudos de movimento. Suquet (2011) chama de paisagem de intensidades o diálogo multidirecional que o bailarino na contemporaneidade desenvolve a partir das suas percepções corporais. Para Suquet, o artista do movimento desenvolve no corpo um laboratório de percepções e não se acha apenas destinado a residir em um envoltório corporal que o determinaria como uma topografia: ele vive a sua corporeidade à maneira de uma "geografia multidirecional de relações consigo e com o mundo", uma rede móvel de conexões sensoriais que desenha uma paisagem de intensidades (SUQUET, 2008, p. 538)

Dentro da pluralidade de corpos no encontro do Dança sem Fronteira na Anhembi Morumbi, uma rede móvel de conexões sensoriais foi formada. Chamava a atenção como cada participante trazia o cuidado com o outro, mas também como individualmente cada um trouxe à tona novas possibilidades de encontro e criatividade, com uma geografia multidirecional de relações, cuidadosamente contornada pelos integrantes do núcleo.

Por fim, ressalto novamente a relevância do investimento da sociedade feito ao longo dos últimos anos para a classe da dança, através de Leis e Programas de Incentivo. Só assim, os retornos podem ser dados à comunidade, seja com espetáculos, através de palestras, de criações, de reflexões em livros, e, como foi apresentado aqui, da integração entre os processos artísticos e educacionais em dança, pois o sumo apresentado neste texto é resultado de muitos anos de trabalho.

Vida longa à Dança sem Fronteiras e às políticas públicas voltadas para a cultura, para a arte e para a educação no país!

Referências

FERRACINI, Renato. *Atuações, Fronteiras e Micro-percepções*. Revista Sala Preta: Universidade de São Paulo, volume 1, p. 229-242, 2011.

PAXTON, Steve. *Gravidade*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SANTOS, Vanessa Sardinha. *Osteogênese imperfeita*. Site Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/amp/doencas/osteogenese-imperfeita.htm>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SUQUET, Annie. Cenas. *O corpo dançante: um laboratório da percepção*. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.). História do Corpo vol. 3: As mutações do olhar. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

Fresta Poética: Chegada, Fellipe Oliveira, 2022

Encontro com a Dança

FERNANDA AMARAL

A dança faz parte da minha vida desde muito cedo. Aos três anos de idade, minha mãe me colocou para estudar balé, e meu pai, professor de literatura e já separado da minha mãe, quando eu tinha cinco anos de idade, criava apresentações de dança comigo para festividades familiares. Ou seja, os dois dançavam comigo e, através de mim, realizavam seus sonhos de dançar.

Nessa arte, cheguei até o segundo ano das sapatilhas de ponta, mas na adolescência quis ir em busca de outras danças que me reconectassem com meu corpo. Descobri as danças brasileiras e, mais tarde, o método Klaus Vianna, e logo passei a me dedicar em período integral ao estudo e para este método. Após alguns meses de prática, fui convidada a ser assistente de Rainer Vianna, até que me tornei professora desta técnica, função que exerci por quatro anos.

Paralelamente, o teatro também começou a fazer parte da minha vida. Nos anos 1990, ao sair do Brasil em turnês com a companhia dos Contadores de Estórias de Paraty, conheci o Contato Improvisação e outros métodos somáticos que me conquistaram. Estes métodos me ajudaram a fazer a conexão entre o autoconhecimento do corpo e a criação de performances: me aprofundei em técnicas de improvisação e de criação. Tive a oportunidade de estudar e trabalhar com diversos profissionais deste campo em muitos países (EUA, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Bélgica e outros), obtendo uma formação variada tanto no teatro como na dança, além de uma graduação em Educação no País de Gales.

Atuei e dancei com companhias e coreógrafos no Brasil e no exterior nos anos 1990 e 2000, incluindo os já citados Rainer Vianna e os Contadores de Estórias, como também Kaos Theatre, Joe Blowers, Miranda Tufnell, Victoria Marks e Alito Alessi. Essa trajetória está mais detalhada em "Os primeiros passos da minha formação", no livro Dança sem Fronteiras, de 2017.

> "Matéria-prima: as diferenças e as diversidades. Técnicas: danças brasileiras, Contato Improvisação, Butô, DanceAbility. Origem: Porto Alegre, sul do Brasil, com passagem por EUA e Europa. Sonhos: superar fronteiras, buscar novos territórios e ampliar os limites do corpo." — depoimento ao livro *Dança sem Fronteiras*, 2017

Sempre me fascinou ver e trabalhar com profissionais da dança que investigam e conhecem o corpo. Fico emocionada toda vez que vejo alguém dançando de dentro para fora ao invés de apenas executar passos, assim como amo ver e estudar o corpo com seus encaixes, articulações, tecidos e ossatura.

O mundo da dança se abriu e mudou totalmente de sentido para mim quando descobri o prazer de conhecer meu corpo como ele é, um corpo de verdade. Pude parar de correr atrás de um ideal que não me pertencia.

Passei a estudar e me interessar pelo funcionamento do corpo e sobre como é possível dançar através das conexões entre mente, corpo e percepções dos diferentes sentidos.

Minha atuação sempre transitou entre as criações performáticas e os projetos educacionais. Criei a companhia de dança-teatro Patuá Dance, no País de Gales, em 1993, a Patuá DanceAbilty, em 2005, e a Dança sem Fronteiras, em 2010. Estas companhias participaram de muitos festivais e programas de TV na Europa e nas Américas, entre outros, o que me levou a conhecer e atuar com os mais diversos públicos. A nossa proposta foi sempre trabalhar com todos, independentemente do contexto cultural e de suas habilidades físicas, motoras ou cognitivas.

Desde cedo na minha carreira, o núcleo de todo o meu trabalho passou a ser — e ainda é — o indivíduo e sua identidade, com o objetivo de criar obras que reflitam um pouco a diversidade da sociedade em que vivemos. No final dos anos 1990, fui percebendo uma necessidade e demanda por um trabalho profissional especializado no campo da dança com habilidades mistas. Aqui, a ideia é que as habilidades dos bailarinos sejam o ponto de partida para os movimentos, ao contrário do habitual, quando a coreografia determina as habilidades necessárias.

Com a Patuá Dance, trabalhamos junto a uma equipe multidisciplinar e criamos projetos educacionais para incluir diferentes formas artísticas, habilidades e culturas. Realizamos projetos com pessoas em situações vulneráveis, como mulheres em programas de reabilitação por uso de drogas, jovens expulsos da escola e que, através de um programa de incentivo ao movimento, acabavam voltando aos estudos. Realizamos oficinas e apresentações com crianças católicas e protestantes na época dos conflitos com o Irã na Irlanda do Norte – eles se conheciam e se relacionavam através da dança, quebrando preconceitos e separações.

Estas experiências com a diversidade me levaram a trabalhar com pessoas com deficiência. Em 2003, dirigi um projeto educativo que visava misturar diferentes formas de artes e habilidades, incluindo oito escolas de três diferentes municípios do País de Gales. Um dos meus primeiros encontros aconteceu em uma escola frequentada por jovens com mobilidade reduzida. Eu não pensava que muitos fossem escolher a dança como a forma de arte para sua participação. Mas, para minha surpresa, todos escolheram dançar comigo. A participação deste grupo no espetáculo final, em dois grandes teatros do País de Gales, foi um dos grandes sucessos do projeto. O espetáculo se chamou *We are all at the same boat* (Estamos todos no mesmo barco). Apresentaram-se cento e oitenta crianças, jovens refugiados, com mobilidade reduzida e com as mais diversas habilidades e formas de ver e perceber o mundo. Também performou uma orquestra jovem tocando uma música composta com base nas músicas brasileira

e celta, criada por um compositor galês. Um menino que na época era o único a usar cadeira de rodas na sua escola quase não acreditava estar conhecendo e vendo tantas outras crianças usando cadeiras de rodas de todos os tipos. Os jovens da orquestra e outros se surpreendiam com as diversas habilidades de todos, e muitos dos jovens e suas famílias nunca tinham entrado em um teatro.

Esse momento foi um ponto importante na minha carreira, que me levou a conhecer Alito Alessi, criador do DanceAbility[1], e a ser convidada para o treinamento de professora com ele, nos Estados Unidos, em 2003. Ir até lá me deu a oportunidade de conhecer fantásticos e inspiradores dançarinos profissionais com diferentes deficiências. Desde então, tenho DanceAbility com uma ferramenta de trabalho e criação, e sigo trabalhando com Alito Alessi quando possível.

Não existe uma sociedade sem diversidade. Ninguém é igual a ninguém, e cada um de nós tem suas particularidades. Embasada em minha carreira de mais de trinta e cinco anos atuando com a diversidade no cenário da dança internacional e nacional, nos papéis de educadora, criadora e diretora em diversas companhias de dança, vejo a necessidade de estarmos dispostos a conhecer o outro, lidando com nossos próprios medos e barreiras. Ao conviver com o outro, aprendemos a respeitar as diferenças, que sempre existirão.

Acredito que a dança não pode deixar de ter também um olhar para a representatividade em todos os aspectos. A noção de não existir um corpo ideal para dançar, mas, sim, corpos dançantes de diversos tamanhos, idades, gêneros e habilidades não é apenas um fato da realidade, é mais ainda um direito de cidadania. A sociedade precisa de uma dança criada a partir do que pulsa nos corpos diversos. Esta reflexão é essencial na formação de bailarinos, bailarinas e bailarines em qualquer técnica, trazendo o enfoque da acessibilidade para a dança.

> "Só quando você percebe o quanto nós somos diferentes é que consegue trabalhar na busca dos direitos iguais. No dia em que trabalharmos a diversidade, vamos estar trabalhando sobre o real." — Cláudia Werneck, *Ninguém mais vai ser bonzinho em uma sociedade inclusiva*, 1997.

1 DanceAbility é um método de dança contemporânea criado, em 1987, pelo norte-americano Alito Alessi, que hoje é o diretor-criativo da DanceAbility International. O método utiliza a improvisação de movimento para promover a exploração artística e criativa entre todas as pessoas. Tanto o DanceAbility como a Dança sem Fronteiras têm como missão trabalhar com todas as pessoas. Não se trata de ajudar a mudar algo ou incentivar que se tornem diferentes, "melhores", mas sim, perceber e aceitar o que somos e ver que isso já é um bom começo, passando a aceitar e respeitar a si mesmo e aos outros. A característica mais típica da humanidade é a diversidade.

A Sala de Aula Encontra as Ruas

A artista e a educadora se encontram no mesmo espaço, convivem algumas vezes em silêncio e outras um tanto timidamente em reuniões e discussões filosóficas e pedagógicas, cada qual com sua força e salas especificas. A fala, o gesto, o ensinar estão sempre presentes sem que a educadora tenha que se limitar à sala de aula nem que a artista tenha que se limitar à arte dos palcos. Nas práticas propostas pela metodologia educacional da companhia Dança sem Fronteiras, a ideia do encontro como um momento fundamental de troca, ensino e aprendizagem para além da sala de aula faz parte da pedagogia.

Nas minhas primeiras formações neste campo, em turmas muito diversificadas, com professores de vários países e turmas de formações e habilidades variadas nas universidades do País de Gales e dos Estados Unidos, pude ir estabelecendo relações entres os ofícios da artista e da educadora interessada nas expressões do corpo e suas diversidades. Nestas ocasiões, além das leituras de filósofos, educadores e pensadores europeus que me inspiraram como suporte de estudo, foi muito significativa a pedagogia de Paulo Freire, um educador brasileiro de total relevância nas propostas e reflexões sobre as diferenças e as diferentes formas de aprender.

> "A reflexão que propõe por ser autêntica, não é sobre este homem abstração, nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente." — Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*, 1970

Durante estes doze anos, a Dança sem Fronteiras encontrou, trocou e dançou junto com o púbico de todas as idades e habilidades fora das quatro paredes das salas de espetáculo e de aula.

> "A pedagogia é a ciência da educação e ocorre em todos os espaços da sociedade e o apender acontece a todo momento e em todos os lugares." — Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, 1996

O Encontro no Vale do Anhangabaú

Todos da Dança sem Fronteiras, bailarinos com ou sem visão, diretora e produtores começaram às oito horas da manhã povoando com cadeiras o Vale do Anhangabaú, que ainda despertava. Aos poucos, funcionários das cercanias e frequentadores do espaço público estavam junto com os dançarinos, carregando cadeiras.

O espetáculo começou distante das cadeiras da plateia e logo o silêncio se estabeleceu. Um silêncio e uma atenção que surpreenderam a professora/diretora/bailarina que vivenciava o encontro, não só dos alunos com a Dança sem Fronteiras, mas um encontro interno entre a artista e a educadora. O espetáculo terminou com um cortejo de artistas, alunos, alunas, professores, estagiários e funcionários da escola dançando juntos. A princípio houve uma pequena hesitação, mas aos poucos o público e os artistas foram se misturando com proximidade e troca. Muitos se surpreenderam ao notar pela primeira vez que alguns dos artistas do espetáculo não usam a visão para estabelecer conexões e relações.

Todos estavam presentes e juntos fruindo do mesmo ato artístico e vivendo no encontro com o espaço público e os seus habitantes. Algumas vezes, cruzaram as fronteiras invisíveis do que ali seria uma sala de aula e sentaram-se ao lado de algum estudante. Outros atravessaram a cena em participação espontânea e bem-vinda pela companhia. As sutilezas e narrativas poéticas do espetáculo e as diversidades de seus bailarinos despertaram uma presença diferenciada daquela que se tem entre as paredes da escola. Alguns funcionários da escola ali presentes, a princípio, pensaram que não podiam entrar na dança com os alunos e precisaram da professora/artista assegurando não haver problema e que seria uma honra eles participarem no cortejo.

"Professora, estou emocionado, muito obrigado por esta experiência no espetáculo e estar junto com os bailarinos. De poder perceber como veem diferente de mim, mas como atuam e enxergam sem precisar da visão dos olhos", disse o inspetor de uma escola de ensino básico e fundamental que havia sido convidada para presenciar o evento e assistia ao espetáculo com lágrimas nos olhos. E perguntou onde e quando haveria outro, pois queria muito levar sua família para viver a mesma experiência que ele havia vivido.

A conversa com o elenco depois do espetáculo e as perguntas de todos trouxeram reflexões e provocações tanto para os alunos quanto para os artistas.

A Planta que Rompe o Concreto

Fresta poética: tempo

Este foi o espetáculo que levou a sala de aula para o Vale do Anhangabaú, apresentando o corpo e suas subjetividades feito por diversas partes, com suas singularidades e tempos. Um tempo plural, respeitando o ritmo de cada um de encontrar, estar presente na criação e no ensaio, podendo captar seus fluxos e caminhos de criações. Assim, na minha perspectiva como artista/professora/educadora/bailarina, a proposta busca a inspiração nas frestas poéticas da cidade, da natureza e do corpo com suas muitas maneiras de resistir às situações e impedimentos do tempo ou falta do tempo, criando brechas para seguir seu fluxo, mostrando uma grande resiliência às circunstâncias adversas, assim como uma planta que rompe o concreto e brota com sua força em qualquer lugar.

Ou, como diria Paulo Freire, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

Ou seja: estar na rua é uma experiência de troca e encontro com a diversidade do elenco, onde o foco está na habilidade de cada um. O encontro com a diversidade do outro é o que liberta: sermos quem somos sem nos condicionar a um padrão de corpo certo ou errado e, sim, à liberdade de um corpo único.

Referências

AMARAL, Fernanda. *Dança sem Fronteiras*. Lama SP, São Paulo, 2017

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WERNECK, Claudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho em uma sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: Editora WVA, 1997.

Site:

Dança sem fronteiras: dancasemfronteiras.com.br

projetos educacionais

Laboratório e JAM no CCSP

Curso de Extensão SP Escola de Teatro

Legendas das imagens
(da esquerda para a direita,
de cima para baixo)

Jam e Laboratório no CCSP

Foto 1
Oficina Laboratório no CCSP
por Silvia Machado, 2016

Foto 2
Oficina Laboratório no CCSP
por Silvia Machado, 2016

Foto 3
JAM para Todos no CCSP
por Silvia Machado, 2016

Foto 4
JAM para Todos no CCSP
por Silvia Machado, 2016

Curso de Extensão SP Escola de Teatro

Fotos por
Ricardo Teles, 2013

videodanças

Fresta Poética: Conexões

Interlocuções e Para Além do Olhar

Legendas das imagens
(da esquerda para a direita,
de cima para baixo)

Videodança Interlocuções

Foto por
Fellipe Oliveira, 2020

Videodança Para Além do Olhar

Acervo da Companhia, 2017

histórico

A Dança sem Fronteiras desde sua criação realiza apresentações e ações educativas todos os anos, incluindo oficinas, residências e JAMs em uma média de mais de dez por ano, além dos ensaios e do processo de pesquisa continuada.

LIVRO

Dança sem Fronteiras
©Companhia Dança sem Fronteiras
©Fernanda Amaral
São Paulo: Lama SP, 2017

ARTIGO

Dança sem Fronteiras e a vídeodança – publicado na revista de videodança do projeto Agoramente, da artista Denise Matta, contemplado por Proac Lab. 2020.

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Espetáculos em teatros, espaços abertos e videodanças:

DanceAbility, 2011 – SESC Pinheiros

O espetáculo DanceAbility – Dança sem Fronteiras foi uma colaboração entre a coreografa Fernanda Amaral e diversos artistas, para a criação de uma paisagem diversa por meio da dança e do movimento, com a técnica de improvisação de DanceAbility, que foca nas habilidades de cada participante, entendendo o sujeito em suas dimensões cognitivas e motoras e incentivando a cultura corporal do movimento acessível a todos.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Beto Amorim, Marcos Abranches, Moisés Batista (atleta paraolímpico), e convidados do grupo Ser em Cena (teatro de afásicos), e da Instituição Nosso Sonho (para jovens com paralisia cerebral)

Músicos
Carlinhos Antunes, Rogério Rochlitz, Flávio Rubens, Betinho Sodré e coletivo

Artista plástica
Renata Bueno (organizou coletivo de artistas plásticas que desenharam durante a apresentação)

Intervenções Urbanas, 2012 – MAM (Museu de Arte Moderna – SP)

Participação no programa Igual Diferente no MAM Educativo, onde alunos e bailarinos dançavam e improvisavam ao som do piano em frente do painel d'Os Gêmeos.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Alunos do curso de dança do programa Igual Diferente, com Fernanda Amaral, bailarinos e músicos da Dança sem Fronteiras (Lucineia Felipe dos Santos, Luana Amaral e a convidada Teresa Athayde)

Músicos
Rogério Rochlitz e Leo Mello

Dança sem Fronteiras, 2012 – MAM (Museu de Arte Moderna – SP) Parque do Ibirapuera – Virada Cultural Inclusiva

Elenco
Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Beto Amorim, Marcos Abranches e convidados

Músico
Rogério Rochlitz

Na mesma cena, 2013 – Teatro Sérgio Cardoso – Primeira Mostra Internacional de Arte + Sentido

Espetáculo criado dentro do primeiro curso de extensão Dança sem Fronteiras na SP Escola de Teatro. O projeto foi inspirado na obra de Evgen Bavcar, filósofo e fotógrafo esloveno que perdeu a visão aos doze anos. Contou com uma intérprete cega, uma com baixa visão e um bailarino com síndrome de ossos de vidro (osteogênese imperfeita). A dança começava no saguão, convidando os espectadores a participarem. Todos eram convidados a se intitularem com um pequeno cartaz pendurado no pescoço. Ao final, o público era convidado a entrar em cena sem os cartazes, ou rótulos, dançando e celebrando as diferenças.

Elenco
Alunos do curso de extensão Dança sem Fronteiras na SP Escola de Teatro, os intérpretes da companhia (Fernanda Amaral, Beto Amorim, Lucineia Felipe dos Santos, Roberto Sérgio Lopes), a atriz convidada Teresa Athayde e os alunos do curso de extensão

Músicos
Beto Sporleder e Daniel Muller

Na Mesma Cena, 2013 – Simpósio sobre Educação Inclusiva em Mauá/SP

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Rafael Barbosa, Zilda Gonçalves, Maisa de Souza Buldrini, Alexandre Rabello, Cida Barbosa e convidados da Companhia (alunos da SP Escola de Teatro)

Músicos
Beto Sporleder e Daniel Muller

Um Outro Olhar, 2013 – Escola Estadual de Tempo Integral Alfredo Paulino

Apresentações na escola com improvisos e coreografias criadas pelos bailarinos da Dança sem Fronteiras. Experimentos I, II, III e IV são parte do projeto de residência artística contemplado pelo Prêmio Prince Claus.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos e Beto Amorim

Em Cena, 2013 – Praça Franklin Roosevelt em São Paulo/SP

Alunos do segundo curso de extensão cultural Dança sem Fronteiras se apresentam com os bailarinos da Companhia saindo da SP Escola de Teatro e ganhando as ruas com improvisos, coreografias, textos e música.

Direção
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Beto Amorim, Lucineia Felipe dos Santos, Zilda Gonçalves e Rafael Barbosa

Músicos
Beto Sporleder e Daniel Muller

Conexões, 2014 – Praça Franklin Roosevelt em São Paulo/SP

Intervenção/espetáculo envolvendo bailarinos da Companhia Dança sem Fronteiras e alunos do curso de extensão Residência Dança sem Fronteiras com duração de dois meses na SP Escola de Teatro. A apresentação começou no saguão da escola e saiu ocupando a rua e os espaços da praça Franklin Roosevelt em um cortejo dançante. O artista-cidadão e o cidadão-artista agindo como sujeitos de mudanças no espaço urbano. A dança como ponte entre o cidadão e a cidade. Ao final, frequentadores da praça foram convidados a dançar.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Alunos do curso de extensão Dança sem Fronteiras e bailarinos da Companhia (Fernanda Amaral, Beto Amorim, Lucineia Filipe dos Santos e Rafael Barbosa)

Músicos
Beto Sporleder e Daniel Muller

Na Mesma Cena (segunda versão), 2015 – MAM (Museu de Arte Moderna – SP)

Através da dança, a coreógrafa e os bailarinos conduziam a criação de uma paisagem diversa onde bailarinos diversos dançavam e atuavam juntos às esculturas do Jardim de Esculturas do MAM, convidando o público a interagir com as obras e dançar com os bailarinos. Parte do Projeto em Movimento e Acessibilidade, organizado pelo Museu da Dança.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Beto Amorim, Camila Rodrigues do Carmo, Zilda Gonçalves, Jacqueline Souza, Rafael Barbosa e a atriz convidada Carlota Novaes

Músicos
Daniel Muller e Beto Sporleder

Figurino
Dança sem Fronteiras

Na Mesma Cena (versão reduzida), 2015 – 10º Encontro de Educação e Cultura do Instituto Vera Cruz

Direção
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Rafael Barbosa, Lucineia Felipe dos Santos e Zilda Golçalves

Músicos
Daniel Muller e Beto Sporleder

Em Cena (versão do espetáculo Na Mesma Cena), 2015 – Circuito São Paulo de Cultura em parques

As apresentações deram continuidade à pesquisa da Companhia sobre as relações entre as improvisações, a dança e o espaço urbano. Os sete bailarinos e os dois músicos redesenhavam o espaço público, transformando-o num espaço de participação, num território de arte e dança para todos, criando ali, no momento da ação, relações possíveis entre a arte, o cidadão e a cidade. Parte da programação SP Cultura da Secretaria Municipal de Cultura: Parque da Luz, Parque da Água Branca, Parque Carmo, Parque Piquiri e Casas de Cultura da Brasilândia, da Freguesia do Ó e Chico Science na cidade de São Paulo.

Direção
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Beto Amorim, Camila Rodrigues do Carmo, Zilda Gonçalves, Jacqueline Souza, Hélio Feitosa Filho

Músicos
Daniel Muller e Beto Sporleder

Figurino
Dança sem Fronteiras

Olhar de Neblina, 2013, 2014 e 2015 – Primeira apresentação no CEU Jaguaré e estreia na SP Escola de Teatro 2014. Apresentou-se também no Centro da Cultura Judaica

Realizado com o apoio do PROAC Espetáculos Inéditos, o projeto foi inspirado na obra de Evgen Bavcar, fotógrafo e filósofo esloveno que perdeu a visão aos doze anos – mais especificamente, no livro Memória do Brasil, de Evgen Bavcar (organização de Elida Tessler e João Bandeira). O espetáculo estabelecia um paralelo entre o conceito de que a fotografia não pertence somente a quem vê e a construção coreográfica que parte da individualidade dos intérpretes de habilidades mistas e formações diversas.

Direção artística e coreográfica Fernanda Amaral

Elenco
Camilla Rodrigues do Carmo, Beto Amorim, Lucineia Felipe dos Santos, Rafael Barbosa e Zilda Gonçalves

Dramaturgia
Teresa Athayde

Consultoria Literária
Ricardo Barberena

Trilha original
Beto Sporleder e Daniel Muller

Fotografia
Ricardo Telles (imagens parte do espetáculo e de divulgação)

Figurino e cenografia
David Schumaker

Iluminação
Rafaela Romitelli

Produção
Dança sem Fronteiras

Produção executiva
Cau Fonseca

Assistente de produção executiva
Guilherme Funari

Olhar de Neblina, 2015 – Centro de Referência da Dança de SP e Fábricas de Cultura da Zona Leste (Cidade Tiradentes, Sapopemba, Itaim Paulista, Parque Belém, Vila Curuçá)

Apresentação na Virada Inclusiva, na SP Escola de Teatro, com audiodescrição Ver com Palavras (Livia Motta), na 6ª Mostra Vozes do Corpo – Fábrica de Cultura do Capão Redondo, SESC Piracicaba, SESC Jundiai, SESC Pompéia, SESC Pinheiros e Teatro da Funarte de São Paulo.

Olhar de Neblina, 2016 (segunda versão) – Centro de Referência de Dança de São Paulo

Direção artística e coreográfica
Fernanda Amaral

Elenco
Camilla Rodrigues do Carmo, Beto Amorim, Fernanda Amaral, Jacqueline Sousa, Luana Amaral, Hélio Feitosa Filho, Lucineia Felipe dos Santos e Zilda Gonçalves

Olhar de Neblina, 2016 (terceira versão) – Teatro Sérgio Cardoso

Apresentações com audiodescrição de Ver com Palavras (Lívia Motta). Apresentou-se também no Centro Cultural São Paulo, evento Acesso Livre, e CEUs Alvarenga, Azul da cor do Mar, Caminho do Mar, Jaçanã e Inácio Monteiro, SESC São Carlos, Centro Cultural Olido.

Direção artística e coreográfica
Fernanda Amaral

Elenco
Camilla Rodrigues do Carmo, Beto Amorim, Fernanda Amaral, Jacqueline Sousa, Luana Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Ícaro Rodrigues Grave e Gabriel Domingues

Olhar de Neblina, 2017 – FUNARTE, CEU Alvarenga, CEU Jaçanã, Meninos

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Gabriel Sousa Domingos, Camilla Rodrigues do Carmo, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Ícaro Rodrigues Grave e Jaqueline de Souza

Frestas do Olhar, 2016 – Centro Cultural São Paulo

Na apresentação com audiodescrição de Ver com Palavras (Lívia Motta), trinta pessoas cegas ou com baixa visão percorreram diversas áreas de convivência do CCSP. Espetáculo para espaços abertos criado dentro do Projeto Novas Fronteiras do Olhar, contemplado pela 19º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo em 2016.

Frestas do Olhar, 2016 – Apresentou-se na Avenida Paulista, Praça das Artes, Parque Minhocão (Elevado João Goulart), Museu de Arte Moderna de São Paulo (Parque Ibirapuera), Parque da Luz, Parque da Água Branca, Casa de Cultura da Freguesia do Ó, Pátio do Colégio.

Frestas do Olhar, 2017 – Circulou por espaços como Biblioteca Monteiro Lobato, escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, Casa das Caldeiras, ETEC das Artes, Casa de Cultura da Freguesia do Ó, CCSP Livre Acesso, ABC Danças (Diadema)

Direção Artística
Fernanda Amaral

Elenco
Beto Amorim, Camilla Rodrigues, Fernanda Amaral, Gabriel Sousa, Ícaro Rodrigues, Jaqueline de Souza e Lucineia Felipe dos Santos

Trilha original
Beto Sporleder e Daniel Muller

Figurino e cenografia
David Schumaker

Costureira
Lad Cristine

Fotografia
Ricardo Teles

Produção executiva
Roberto Campos

Produção
Dança sem Fronteiras

InCantos, 2017 – Centro Cultural São Paulo

Apresentação/intervenção criada em residência de dois meses no CCSP. Composta por improvisos e coreografias desenhadas para ocupar todo o saguão do Centro Cultural São Paulo.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Trinta participantes da oficina Laboratório Novas Fronteiras do Olhar e os bailarinos Beto Amorim, Camilla Rodrigues, Fernanda Amaral, Gabriel Sousa, Ícaro Rodrigues, Jaqueline de Souza e Lucineia Felipe dos Santos

Retalhos do Olhar, 2017 – Teatro Sérgio Cardoso

Intervenção/espetáculo criado a partir de uma colagem de diversas coreografias para ocupar o foyer do Teatro Sérgio Cardoso durante a temporada da São Paulo Cia. De Dança de Junho de 2017 a convite da coreógrafa Inês Bogéa. Também se apresentou na Semana de Dança do CCSP.

Direção artística e coreografia
Fernanda Amaral

Assistente
Juliana Tarumoto

Elenco
Ana Mesquita, Annie Felix, Bia Novaes, Camila D´Angeleo, Caroline Gomes, Fabiany Yumi Morioka, Gustavo Goubert, Juliana Tarumoto, Lucineia Felipe dos Santos, Luma Ribeiro Preto, Michelle Jean de Castro, Pula Matthews e Thiago Monteli

Música
Circlesong, de Bobby McFerrin

Traços e Traçados Urbanos, 2017 – Biblioteca Mário de Andrade

O espetáculo investiga o espaço corporal, o espaço urbano e as relações entre eles, com o objetivo de abordar de forma poética o desenvolvimento de um novo olhar para o espaço urbano e seus habitantes diversos.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Lucineia dos Santos, Fernanda Amaral, Gustav Coubert e Thiago Monteli Bonfim

Traços e Traçados Urbanos, 2018 – Oficina Cultural Oswald de Andrade

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Gabriel Domingues, Gustav Coubert, Lucineia Felipe dos Santos, Juliana Tarumoto e Thiago Monteli Bonfim

Músicos
Flávio Rubens e Pedro Romão

Figurinos
Kleber Montanheiro

Traços e Traçados Urbanos, 2019 – Oficina Cultural Oswald de Andrade

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Gabriel Domingues, Gustav Coubert, Lucineia Felipe dos Santos, Maiara Roquetti e Rafael Barbosa

Trilha
Pedro Zurawski

Figurinos
Kleber Montanheiro

Dança sem Fronteiras, 2019 — FIC (Festival Internacional de Circo)

A Companhia pela primeira vez adaptou sua estética para se aproximar do circo moderno, trazendo objetos de tecnologia assistiva (cadeira de rodas e muletas) para criar movimentações e equilibro. A programação foi inspirada no tema O Circo falando com a cidade.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Gustav Coubert, Lucineia Felipe dos Santos e Rafael Barbosa

Música
Divan Gattamorta

Figurinos
Dança sem Fronteiras

Obstáculos, 2019 – Teatro Municipal de São Paulo

Integrando o projeto Novos Modernistas, a apresentação trouxe em cena artistas com e sem deficiência em números com humor, técnica e poesia.

Direção artística
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Gustav Coubert, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Rafael Barbosa e Gabriela Rios

Música
Divan Gattamorta

Figurinos
Dança sem Fronteiras

Olhar dos Sapatos, 2018 – Teatro Sérgio Cardoso

Espetáculo com sessões com audiodescrição (Ver com Palavras) e Libras (Libras sem fronteiras) para teatros e espaços abertos criado dentro do Projeto Interlocuções da Cidade, contemplado pela 23º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo em 2017. Utilizou como referência o imaginário fantástico do surrealismo e associações entre objetos e personagens para criar e contar histórias a partir do movimento.

Olhares dos Sapatos, 2018 – Teatros e espaços públicos

Foram dezoito apresentações em espaços como CEU Inácio Monteiro, CEU Navegantes, Casa de Cultura Freguesia do Ó, CEU São Mateus, MAM, CEU Butantã, Av. Paulista, Metrô Paraíso, Metrô da Luz, Casa de Cultura Vila Nova Cachoeirinha, CEU Capão Redondo, CEU Parque Bristol, Escola Fontanelle IX e X.

Olhares dos Sapatos, 2019 – SESCs São Caetano, Don Pedro, Itaquera e Tatuapé, Reatech Virada Cultural Inclusiva, Festival São José dos Campos, 30º Festidança organizado pela Fundação Cassiano Ricardo – São José dos Campos no Parque Vicentina Aranha

Concepção e Direção Geral
Fernanda Amaral

Assistente de Direção
Juliana Tarumoto

Intérpretes
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Gabriel Domingues, Gustav Coubert, Lucineia Felipe dos Santos, Maiara Roquetti e Rafael Barbosa

Textos
Fernanda Amaral e Cia. Dança sem Fronteiras

Edição de textos
Fernanda Amaral

Trilha
Divan Gattamorta

Figurinos e cenário
Kleber Montanheiro

Aderecistas
Arieli Marcondes e Michele Rolandi

Iluminação
Alexandre Zulu

Operação de Som
Roberta Serretiello

Produção Geral
MoviCena Produções

Assistente de Produção
Rafael Petri

Aprendiz e Fotos
Ricardo Pimentel

Assessoria de Imprensa
Nossa Senhora da Pauta

Material Gráfico e Logos
Sofia Sterzi, Pedro Suzuki e Rafael Petri

Olhares dos Sapatos, 2020 – Online

A versão online contou com audiodescrição e teve apresentações em mostras e festivais online, incluindo FIOD – Festival Internacional de Danza de Maracaibo, Venezuela e Thrieve Aid – the Art of Protest, USA Austrália e Reino Unido.

Olhares do Sapatos, 2020 – Prêmio Denilto Gomes – Acessibilidade

Ciranda de Retina e Cristalino, 2020 – Online

Performances em sites de teatros de São Paulo incluindo Arthur Azevedo, Raul Seixas, Casa de Cultura Butantã.

Apresentações de espetáculos no YouTube da Dança sem Fronteiras com audiodescrição. Espetáculo documentário criado dentro do Projeto Poéticas da Diversidade, contemplado pela 27º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo em 2020.

Direção Geral e Concepção
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Gabriel Domingues, Lucineia Felipe dos Santos e Maiara Roquetti

Participação especial em videodança e projeções
Luana Amaral

Música Original, arranjos e performances instrumentais
Sérgio Zurawski (Bipolar Studio)

Vozes
Jaqueline Momesso, Sérgio Zurawski e Wagner Dias

Música
Ciranda – Piscadas e Miradas; Wagner Dias e Fernanda Amaral

Iluminação
Fellipe Oliveira

Cenários, Figurinos e Adereços
Eliseu Weide

Vídeo Projeção
Rodrigo Papa

Ciranda de Retina e Cristalino, 2021 – Online — SESC em casa

Ciranda de Retina e Cristalino, 2021 – Centro Cultural São Paulo

Primeira versão para o presencial.

Ciranda Retina e Cristalino, 2022 — CRD (Centro de Referência da Dança de São Paulo), CEU Jaçanã, SP Escola de Teatro (com audiodescrição). Em 2023 CEU Itaquera, Oficina Cultural Oswald de Andadre

Direção Geral e Concepção
Fernanda Amaral

Elenco
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Gabriel Domingues, Lucineia Felipe dos Santos, Maiara Roquetti e Rafael Barbosa

Participação especial em videodança e projeções
Luana Amaral

Música Original, Arranjos e Performances Instrumentais
Sérgio Zurawski (Bipolar Studio)

Vozes
Jaqueline Momesso, Sérgio Zurawski e Wagner Dias

Música
Ciranda – Piscadas e Miradas; Wagner Dias e Fernanda Amaral

Iluminação
Fellipe Oliveira

Cenários, Figurinos e Adereços
Eliseu Weide

Vídeo Projeção
Rodrigo Papa

Imagens de Videodança da Cia.
Itinerante Filmes Cine

Produção Geral
MoviCena Produções

Ciranda de Retina e Cristalino – Menção honrosa Prêmio Denilto Gomes – cenários e figurinos 2021

Janela das RecodAções, 2022 — Online

Prêmio Festival Funarte Dança e Acessibilidade

Direção
Fernanda Amaral

Elenco
Fernanda Amaral, Ana Mesquita, Gabriel Sousa Domingues, Lucineia Felipe dos Santos e Rafael Barbosa

Figurino
Dança sem Fronteiras

Filmagem e iluminação
Fellipe Oliveira

Produção
MoviCena

Frestas Poéticas, 2022 – Ações performáticas para espaços abertos e segunda versão de Ciranda de Retina e Cristalino

Espetáculos criados sobre as relações dos corpos diversos com os espaços abertos e seus habitantes para criar novas paisagens, dentro do Projeto Frestas Poéticas: Cartografia do Corpo Diverso no Urbano, contemplado pela 31º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo em 2022.

Fresta Poética: Chegada – Vale do Anhangabaú

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe e Gabriel Domingues

Convidadas
Carmen Estevez, Cintia Domingues e Icaro Rodrigues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena

Fresta Poética: Corpo Obra – MAM SP

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe e Gabriel Domingues

Convidadas
Carmen Estevez, Cintia Domingues e Icaro Rodrigues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena

Fresta Poética: Corpo – Fonte dos Desejos, Praça Ramos de Azevedo

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Artista Convidada
Cintia Domingues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Corpo Urbano – Centro Cultural da Penha

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Corpo Tempo – MAM SP

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe e Gabriel Domingues

Convidadas
Carmen Estevez, Cintia Domingues e Icaro Rodrigues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena

Fresta Poética: Tempo – Vale do Anhangabaú

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Artista Convidada
Cintia Domingues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Diversidade – CEU Jaçanã

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Artista Convidada
Cintia Domingues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Cartografia do Corpo – Centro Cultural São Paulo

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Artista Convidada
Cintia Domingues, Ana Mastrodi e Factima El Samra

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Olhares – Ocupação Artística Canhoba Perus

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Icaro Rodrigues Grave, Carmen Estevez e Cintia Domingues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Travessia – Parque Augusta

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Fresta Poética: Encontro – na exposição 12 anos Dança sem Fronteiras na oficina Cultural Oswald de Andrade

Direção
Fernanda Amaral

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

DOCUMENTÁRIOS

Documentário sobre a Dança sem Fronteiras em residência em escola pública – Pipoca Cine. 2014/2015

Documentário espetáculo Ciranda de Retina e Cristalino 2020 – Realização Osmar Zampieri

VIDEODANÇAS

Na mesma praça, 2016 – canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Direção e concepção
Fernanda Amaral

Intérpretes
Beto Amorim, Icaro Rodrigues Grave, Juliana Tarumoto e Fernanda Amaral

Participação especial
Roberto Campos

Câmera e edição
Beto Amorim

Trilha
À Deriva

Memória das Águas, 2016 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Memória das Águas foi criado a partir da exploração da obra Memória das Águas, de Amélia Toledo, situada no Jardim suspenso do Centro Cultural São Paulo.

Direção
Fernanda Amaral

Concepção
Beto Amorim e Fernanda Amaral

Intérpretes
Gabriel Rodrigues, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Camila Rodrigues do Carmo e Jaqueline Sousa

Câmera e edição
Beto Amorim

Trilha
Bright Morningstar, Tiësto

Memória dos Pés, 2017 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Realizada dentro do projeto Novas Fronteiras do Olhar, contemplado pela 19º edição de Fomento à Dança para cidade de São Paulo, é uma videodança criada a partir da observação da estrutura corporal e a movimentação dos bailarinos em relação a arquitetura de uma grande metrópole.

Direção artística
Fernanda Amaral

Concepção
Beto Amorim e Fernanda Amaral

Intérpretes
Gabriel Rodrigues, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Camila Rodrigues do Carmo, Jaqueline Souza e Rafaela Castro

Câmera e edição
Beto Amorim

Trilha:
Bora Barão

Se essa rua, 2017 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Direção
Fernanda Amaral

Concepção
Beto Amorim

Intérpretes
Gabriel Rodrigues, Fernanda Amaral e Lucineia Felipe dos Santos

Participação especial
Roberto Campos

Câmera e edição
Beto Amorim

Trilha
À Deriva

Além das Fronteiras do Olhar, 2017 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Roteiro
Fernanda Amaral

Direção de câmeras e vídeo
Osmar Zampieri

Operação de câmeras
Osmar Zamperi, Daniel Lins, Arnold Pasquier e Ricardo Yamamoto

Participação nas filmagens
Bailarinos da Cia. e estudantes da Universidade de dança Anhembi Morumbi

---

RecordAções, 2020 – canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Videodança criada em tempos de quarentena. Memórias de cada miudeza do cotidiano se tornam grandes pérolas na mesmice da existência em isolamento.

Direção
Fernanda Amaral

Intérpretes
Fernanda Amaral e Luana Amaral

Filmagem e edição
Fellipe Oliveira

Música
Sérgio Zurawski

Exibições em 2020:

- IRMAP – FESTIVAL INTERNACIONAL DE VÍDEODANÇA – RIBEIRÃO PRETO/SP;
- CUERPO MEDIADO – FESTIVAL INTERNACIONAL DE VIDEODANÇA DE ROSÁRIO, ARGENTINA;
- HIBRIDO FESTIVAL DE VIDEODANÇA – APRESENTAÇÃO E INCLUSÃO NO ACERVO ONLINE PERMANENTE DO FESTIVAL;
- MOSTRA CORPOS EM PERSPECTIVAS, CENTRO COREOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO;
- BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ.

Exibições em 2022:

- FIDA – MOSTRA INTERNACIONAL DE DANÇA DE ARARAQUARA;
- FESTIVAL SANS SOUCI BRASIL – SESC CAMPINAS.

Interlocuções com a Cidade, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Esta videodança, também com versões com Libras e audiodescrição, fez parte do Projeto Poéticas da Diversidade, contemplado pela 27º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo em 2020.

Coordenação, Direção e Intérprete
Fernanda Amaral

Concepção Visual, Gravação e Edição
Fellipe Oliveira

Intérpretes
Lucineia Felipe dos Santos, Ana Mesquita, Gustav Coubert, Rafael Barbosa, Gabriel Domingues Sousa e Maiara Roquetti

Trilha Sonora
Sérgio Zurawski

Narração
Jaqueline Momesso

Produção
Movicena

Exibições em 2020:

- BLANC FESTIVAL DE VÍDEO E DANÇA DO AMAZONAS;
- FESTIVAL INTERNACIONAL DE VIDEODANÇA DO RIO GRANDE DO SUL;
- MOSTRA AGORAMENTE, INTERIOR DE SÃO PAULO;
- EXIBIÇÕES EM 2022:
- SANS SOUCI FESTIVAL;
- MOSTRA INTERNACIONAL DE DANÇA DE MARÍLIA SP.

Entre fronteiras e Chapéu dançante, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e Mostra Videodança em Casa, IRMAP e VIDEODANÇA +

Concepção, direção, câmera e edição
Fernanda Amaral

Intérpretes
Fernanda Amaral e Luana Amaral

Narrativas Corporais, 2020 – canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Parte do projeto Poéticas da Diversidade da Cia. Dança sem Fronteiras, contemplado pela 27ª edição de Fomento à Dança para cidade de São Paulo.

Concepção
Fernanda Amaral

Intérpretes
Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Maiara Roquetti, Fernanda Lellis, Cláudio Oliveira Jr, Luana Amaral, Rafael Barbosa, Gustav Coubert e Olivia Figueiredo

Trilha
Sérgio Zurawski

Edição
Juliana Tarumoto

Exibições em 2020:

- MOSTRA CORPOS EM PERSPECTIVAS, CENTRO COREOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO;
- BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ.

Entre Fronteiras e Diversidade, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Videodança selecionada para a Mostra Pés e/ou Mãos Dentro de Casa – uma parceria dos festivais Dança em Foco, IMAIRP e videodança+

Direção
Fernanda Amaral

Edição
Juliana Tarumoto

Música
Fernanda Lellis

Intérpretes
Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Luana Amaral, Fernanda Amaral e Gabriel Domingues

---

Conexões, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Direção
Fernanda Amaral

Intérpretes
Lucineia Felipe dos Santos, Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Gustav Coubert, Gabriel Domingues, Rafael Barbosa e Maiara Roquetti

Edição
Fellipe Oliveira

Música
Sérgio Zurawski

Corpo Fronteiras, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Videodança criado em tempos de quarentena com todos os intérpretes da Cia. Dança sem Fronteiras, parte do projeto Poéticas da diversidade, contemplado pela 27º edição do Fomento à Dança para cidade de São Paulo.

Direção
Fernanda Amaral

Intérpretes
Lucineia Felipe dos Santos, Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Gustav Coubert, Gabriel Domingues, Rafael Barbosa e Maiara Roquetti

Edição
Juliana Tarumoto

Música
Sérgio Zurawski e Fernanda Lellis e Hani

Limiares, 2020 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras

Parte do projeto Poéticas da diversidade, contemplado pela 27º edição do Fomento à Dança para cidade de São Paulo. Explora as sensações de corpos que se reinventam e resinificam suas casas em tempos de quarentena.

Intérpretes
Lucineia Felipe dos Santos, Ana Mesquita, Juliana Tarumoto, Gustav Coubert, Gabriel Domingues, Rafael Barbosa e Maiara Roquetti

Edição
Juliana Tarumoto

Música
Divan Gattamorta

Fronteiras da Memória, 2020 – canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e segue disponível também no canal do videodança +

Danças solitárias brincam e burlam com a ideia de isolamento, cada qual rompendo suas fronteiras e as expandindo para o imaginário.

Concepção, Direção Geral e Roteiro
Fernanda Amaral

Produção audiovisual
Itinerante Filmes

Imagens e finalização de cor
Eduardo de Andréa (Kito)

Drone
Chussei Jukemura

Edição
Fellipe Oliveira e Rafael Petri

Consultoria Audiovisual
Fellipe Oliveira

Trilha Sonora
Sérgio Zurawski

Intérpretes
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Gabriel Sousa Domingues, Gustav Coubert, Lucineia Felipe dos Santos, Maiara Roquetti e Rafael Barbosa

Participação especial
Luana Amaral

Produção Geral
MoviCena Produções

Realização
Cooperativa Paulista de Dança, Cia. Dança sem Fronteiras, Fomento à dança, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura

---

Quatro videodanças, 2021 — canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e seguem disponível também no canal do videodança +

Um canto na Metrópole / A corner in the Metropolis / Cornel yn y Metropoli;

Ver a cidade / To see the city / Gweld y ddinas;

Cidade Reflexões Poéticas / City Poetic Reflections;

Toda vez ... / Everytime

Esta série de videodanças faz parte do projeto Conexões além das Fronteiras/ Connection Beyond Frontiers – projeto artístico entre Chris Tally Evans do País de Gales e Fernanda Amaral, com a participação de bailarinos da Cia.

Dança sem Fronteiras. Este projeto foi patrocinado pelo British Council Unlimited Micro Awards, com o suporte para conexões entre O Reino Unido e artistas com deficiência internacionais.

Concepção
Fernanda Amaral e Felipe Oliveiras

Intérpretes
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe dos Santos, Gustav Coubert, Gabriel Domingues

Música
Chris Tally Evans

Exibições em 2021:

- CANAIS DA UNLIMITED BRITISH COUNCIL;
- FESTIVAL – DANCEFILM 4 – THE TOGETHER DISABILITY FILMS FESTIVAL – LONDRES.

Frestas Poéticas, 2022 – série de videodanças realizados e estreados em 2022 no canal do YouTube da Dança sem Fronteiras e também disponível no canal videodança +.

Realizado dentro do Projeto Frestas Poéticas: Cartografia do Corpo Diverso no Urbano, contemplado pela 31º Edição do Fomento à Dança para a cidade de São Paulo.

O olhar do espectador é convidado a participar da dança levado pelo olhar em movimento da câmera que as vezes está em um primeiro plano fechado e outras em um plano totalmente aberto.

Fresta Poética: Chegada — Vale do Anhangabaú

Em duas versões, uma com audiodescrição, intérpretes conectados por elásticos e poéticas de movimentos desenham os espaços.

Fresta Poética: Tempo

Intérpretes dançam dentro do estúdio do CRD e no elevado da Avenida 23 de Maio. Conexões se estabelecem entre os espaços internos, do corpo, e o espaço externo, seja ele de uma sala de ensaio ou a cidade.

Fresta Poética: Corpo – Fonte dos Desejos, Praça Ramos de Azevedo

Composições entre corpo, movimento e pausas. As imagens se sobrepõem levando o espectador a um olhar próximo ao de alguns dos intérpretes.

Fresta Poética: Corpo Tempo

Partes do corpo revestidas de cobertor cinza brotam de frestas criadas no centro da cidade de São Paulo. Intérpretes dão vida a estas diversas que criam um novo corpo e as também dançam com as próprias partes na frente de grafites.

Fresta Poética: Olhar

Perspectivas e olhares se misturam em espaço internos e externos da Oficina Cultural Oswald de Andrade.

O olhar do espectador, através do olhar da câmera com um jogo de ângulos e planos com perspectivas diferentes, é convidado a participar da dança sendo levado pelos movimentos de cada intérprete.

Fresta Poética: Reflexo

Nesta videodança, a câmera, os intérpretes e o compositor somam no jogo das edições que criam e recriam diversas imagens e ilusões compostas com os reflexos de diversos pés e pernas.

Fresta Poética: Conexões — Vale do Anhangabaú, em praças e quintais

Diversos artistas com suas formas de mover, tocar e cantar estão conectados por linhas vermelhas e a arte.

Fresta Poética: Travessia, 2023

Videodanças resultantes de dez meses de pesquisa, apresentações e atividades educacionais da Dança sem Fronteiras.

Direção
Fernanda Amaral

Concepção
Fernanda Amaral e Fellipe Oliveira

Bailarinos
Ana Mesquita, Fernanda Amaral, Lucineia Felipe, Gabriel Domingues, Icaro Rodrigues Grave e Carmen Estevez.

Artista Convidada
Cintia Domingues

Música
Sérgio Zurawski

Figurinos:
Eliseu Weide

Produção
Movicena Produções

Exibições em 2022:

- FIVRS – FESTIVAL INTERNACIONAL DE VIDEODANÇA DO RS;
- IMARP – MOSTRA INTERNACIONAL DE DANÇA – IMAGEM EM MOVIMENTO – VÍDEO DANÇA.

PROJETOS DE FOMENTO

2013-14

Residência artística Dança sem Fronteiras – em escola pública de São Paulo, contemplado pelo Prêmio Prince Claus Fund for Culture and Development. A Companhia, em troca de um espaço na escola para realizar sua pesquisa com bailarinos e colaboradores de habilidades mistas, trabalhava semanalmente com diversas turmas de alunos da escola.

2016

Novas Fronteiras do Olhar – contemplado pela 19ª Edição de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo.

2018

Dança sem Fronteiras e suas Interlocuções com a Cidade – projeto contemplado pela 23ª edição de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo.

2019

Poéticas da Diversidade – contemplado pela 27ª edição Fomento à Dança para a cidade de São Paulo.

2021

Conexões além das Fronteiras/ Connections Beyond the Frontiers – contemplado pelo British Council e Unlimited – em parceria com artistas com baixa visão do País de Gales.

2022

Frestas Poéticas: Cartografias do Corpo Diverso no Urbano – contemplado pela 31ª edição de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo.

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

Algumas das ações dos últimos anos incluem oficinas e JAMs em unidades do SESC da Capital e do interior de São Paulo; participação em *Simpósios Internacionais do SESC sobre Atividades Físicas Adaptadas no SESC São Carlos* (2012); *Cursos Dança sem Fronteiras* no MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo (2013); *Curso de Extensão Cultural Dança sem Fronteiras* na SP Escola de Teatro – São Paulo (2013, 2014, 2020 e 2022); JAM no Teatro Sérgio Cardoso (2015); participação no *Fórum I Diversidade: Um Direito de Cidadania* e no *Fórum II Ser Público – Acolher a Diversidade no Palco e na Plateia* (2016); *Residência Artística – Dança improviso e composição no contexto da diversidade* – Centro coreográfico do Rio de Janeiro (2018); Oficina *online* Casa de Cultura do Butantã; oficina de dança no festival internacional de cinema; *Assim vivemos* – oficina online de videodança para cidades do interior CRD (2019); *Corpo Casa* – oficina online PUCRS (2020); oficina *online* dança e audiodescrição BH (2022), entre outros eventos.

ACESSOS

Acervo Dança sem Fronteiras:

Youtube Dança sem Fronteiras:

Este livro foi composto utilizando a tipografia
Usual e impresso em papel Polén Soft 80g e
Couché Fosco 150g na gráfica Digital Printz

São Paulo

2023